

Kardec suicidou-se, renegou a reencarnação e arrependeu-se do Espiritismo?

É preciso propagar a moral e a verdade. (MUMS)

Os incapazes de atacar um pensamento atacam o pensador. (PAUL VALERY)

Se você reconhece a presença divina em outra pessoa, não poderá fazer mal a ela ou permitir que o seu irmão seja injustiçado. (TOM HARPUR)

Respeitamos todas as crenças, mesmo a incredulidade que é, também, uma espécie de crença, quando ela se respeita bastante a si mesma para não machucar as opiniões contrárias. (KARDEC)

Introdução

Muitos detratores do Espiritismo, não tendo argumentos lógicos e suficientes para refutar seus princípios, buscam, desesperadamente, encontrar outros meios de “abalar” seus alicerces, atacando as pessoas e não os seus pensamentos. É uma atitude totalmente fora de propósito, sem falar que também é anticristã.

Trata-se de velha tática, conforme podemos ver, por exemplo, com o acontecido com Darwin, através do livro *A Goleada de Darwin*, de Sandro de Souza, que, lendo-o, nos fez lembrar de algumas acusações dirigidas a Kardec. Diz o autor:

Logo após a morte de Darwin começaram a surgir rumores nos meios religiosos de que, no leito, teria renunciado à sua teoria e abraçado novamente o cristianismo. O relato mais conhecido dessa possível reconversão foi dado por uma certa Sra. Hope em um artigo para uma revista batista mais de 30 anos após a morte de Darwin. (8) Ela relatou que Darwin não só lamentou ser o autor de sua teoria como se converteu em um cristão. Embora a existência de uma Sra. Hope que visitava enfermos na região em que Darwin morava tenha sido verificada por um dos biógrafos de Darwin, James Moore, (9) tudo leva a crer que seu relato é falso. O principal problema com esse relato é que foi negado por vários parentes de Darwin que estavam ao seu lado no momento da morte. O filho Francis, em uma carta para Thomas Huxley, afirma que os rumores de que o pai teria renunciado à teoria da evolução no leito de morte “... são falsos e sem fundamento”. Mais tarde, em 1917, afirmou: “Não há razão para acreditar que ele tenha alterado as suas visões agnósticas”. Outros membros da família fizeram declarações com o mesmo teor. (10) Todos os biógrafos de Darwin concordam que ele provavelmente nunca tenha renunciado às suas ideias científicas.

8. *Watchman Examiner*, Boston, 1915, p. 1.071.

9. James Moore, *The Darwin Legend*, Grand Rapids Baker Books, 1994.

10. A filha de Darwin Henrietta Litchfield escreveu para o jornal religioso *The Christian* em 1922: “Estava presente no seu leito de morte. A Sra. Hope não estava presente durante a sua última recaída. Acredito que ele nunca chegou a vê-la, mas, em todo caso, ela não teve qualquer influência sobre ele em qualquer assunto de pensamento ou crença. Nunca houve uma retratação dos seus pensamentos científicos. A história roda não tem fundamento”.

(SOUZA, 2009, p. 173). (grifo nosso).

Em relação a Allan Kardec, três coisas absurdas dizem dele: 1ª) que havia se suicidado; 2ª) que teria, no leito de morte, negado a reencarnação; e 3ª) que, ao final de sua vida (ou depois de morto), arrependeu-se de ter criado o Espiritismo. Vamos ver até onde vão essas “verdades”; para isso iremos analisar item a item.

Kardec teria suicidado-se?

Por mais estranho que seja, podemos dizer que, na verdade, "suicidaram" Allan Kardec. Os opositores do Espiritismo, por absoluta falta de argumentos que possam solapar as bases da Doutrina Espírita, é bom reafirmar, passam a alardear, aos quatro ventos, que o Codificador ter-se-ia suicidado. Recentemente recebemos um e-mail, que, de tão engraçado, não houve como nos conter de rir descontroladamente; só com muito esforço conseguimos parar, pois nele, um evangélico, literalmente, disse: "Se suicidou (A. Kardec) de tão obcediado (sic) que foi pelos chamados espíritos de luz, estes mesmos espíritos que são a chave da doutrina espírita..." (grifo nosso).

Apertado por nossos questionamentos, o pobre desinformado acabou admitindo que:

Quanto a Allan Kardec (se suicidou ou não) não obtive esta informação através de pesquisa, mas sim dos meus próprios familiares espíritas o que me fez ficar envergonhado no que relatei a você, em e-mail anterior. Confesso que acredito no que você me relatou a respeito deste assunto pois, considero e sei o que digo. Você não é só um estudioso, mais um praticante.

Louvável essa sua atitude, pois, honrosamente, confessou que não havia obtido essa informação de fonte insuspeita, cuja fundamentação só pode ser feita em pesquisadores ou biógrafos idôneos. Só que ficamos a pensar: que "tipo" de Espiritismo frequentam os seus familiares para lhe passar uma (des)informação dessa. Até aí, isso não passa de evidente anedota; e põe anedota nisso...

Mas, aproveitando a oportunidade, para um esclarecimento sobre as circunstâncias da morte de Kardec, vamos passar a você, caro leitor, o que encontramos a respeito. E quem sabe se esse texto não venha a cair nas mãos de pessoas interessadas na verdade dos fatos, já que os seus detratores, sem base em pesquisa séria, buscam denegrir Allan Kardec, por absoluta incompetência de lhe refutar os argumentos lógicos e racionais, voltamos a insistir.

O que relatam os seus biógrafos e pesquisadores

Vejamos alguma coisa da biografia de Allan Kardec, pelas seguintes fontes:

1) Henri Sausse

Hippolyte-Léon-Denizard Rivail – Allan Kardec – faleceu em Paris, rua e passagem Sant'Ana, 59, 2ª circunscrição e *mairie* de la Banque, em 31 de março de 1869, na idade de 65 anos, sucumbindo da ruptura de um aneurisma. (SAUSSE, 2001, p. 44).

2) André Moreil

E, então, na manhã de 31 de março de 1869, o coração de Denizard Hippolyte Léon Rivail – Allan Kardec detém-se para sempre, em consequência da ruptura de um aneurisma. (MOREIL, 1986, p. 85).

3) Revista Grandes Líderes da História

Os problemas de Saúde

Em sua primeira crise cardíaca, Kardec recebeu a ajuda de um médico muito especial. Seu grande amigo Antoine Demeure, médico com o qual se correspondia, mas a quem nunca havia encontrado, acabara de morrer, no dia 25 de janeiro de 1865, aos 71 anos. O doutor Demeure, espírita convicto, vivia a caridade pregada pela Doutrina de forma plena. Cinco dias depois da falência de seu corpo, seu espírito foi evocado em uma sessão da Sociedade Espírita de Paris, comunicação narrada em "O Céu e o Inferno". Dois dias depois desse encontro entre os dois amigos – um vivo e outro morto -, o bondoso médico apareceu para acudir Allan Kardec com seus problemas cardiovasculares. Embora fosse uma alma crente nas verdades espíritas, Demeure era também um cientista positivista e logo passou um belo sermão em seu amigo encarnado. Primeiro, disse que a crise não duraria muito, se Kardec seguisse suas prescrições. Mas, no dia seguinte, tratou logo de dar um belo

“puxão de orelha” no velho professor, dizendo que ele deveria cuidar melhor de sua saúde, pois ainda tinha que terminar a codificação da Doutrina. Se, por descaso e excesso de trabalho, desencarnasse antes de acabar o que começara, Kardec seria mesmo julgado por homicídio voluntário nos tribunais divinos.

Assim, a partir de 1865, o Codificador passou a dividir seus trabalhos, como responder um gigantesco número de correspondência, com secretários e auxiliares. Mas a verdade é que **continuou abusando de sua cada vez mais combalida saúde e, vira e mexe, caía doente**. E as coisas foram nessa toada até o mês de março de 1869. Curiosamente, em abril, a edição da “Revista Espírita” – que chegou às bancas após a morte de Kardec –, trazia uma mensagem do Codificador, informando que, a partir do dia 1º de abril daquele mês, o escritório para assinaturas e expedição do periódico seria transferido para a sede da Livraria Espírita, na rue Lille 7. Kardec também avisava que ele próprio estava de mudança para a Avenue et Villa Ségur 39, onde possuía uma casa desde 1860, mais ou menos. **Enquanto encaixotava as coisas na casa da rue Saint-Anne, ele recebeu a visita de um caixeiro de livraria. Ao atender o sujeito, Kardec caiu fulminado, vítima da ruptura de um aneurisma. O relógio andava entre onze da manhã e meio-dia. Seu empregado tentou erguê-lo, mas em vão. O seu amigo Gabriel Delanne usou do magnetismo, mas também foi em vão. O corpo de Allan Kardec já estava morto. Segundo E. Muller, amigo da família, “nada de tétrico marcara a passagem de sua morte; se não fora pela parada da respiração, dir-se-ia que ele estava dormindo”.** (*Revista Grandes Líderes da História: Allan Kardec*, 2004, p. 31-32). (grifo nosso).

4) Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros

São os autores do livro *Allan Kardec – Análise de Documentos Biográficos*, que fornecem até uma cópia da certidão de óbito do codificador, cuja tradução do francês, constante do livro; transcrevemos:

343	Ao primeiro de abril de mil oitocentos e sessenta e nove, às dez horas e meia da manhã.
Rivail	Certidão de óbito de Léon Hippolyte Denisart Rivail,
? de ses-	falecido ontem às duas horas da tarde em seu domicílio
senta e	em Paris, rua Ste Anne nº 59, nascido em Lyon
cinco anos	(Rhône), escritor, filho de Rivail, e de Duhamel sua
de idade	esposa, falecidos. Casado com Amélie Gabrielle Boudet,
Assinaturas	de setenta e três anos de idade, sua esposa, sem
	profissão. O dito óbito devidamente constatado por
	nós, François Ernest Labbé, adjunto do prefeito e oficial
	do estado civil no Segundo Distrito de Paris; totalmente
	feita conforme declaração de Armand Théodore
	Desliens, empregado, de vinte e cinco anos de idade,
	morador no Boulevard du Prince Eugène nº 110 e de
	Alexandre Delanne, negociante, de trinta e nove anos
	de idade, morador na passagem Choiseul nº 39 & 41,
	não-parentes, testemunhas que assinam conosco após
	leitura da certidão.

-----assinaturas-----

Continuando, um pouco mais à frente:

2 – 31 de Março de 1869

O registro das testemunhas do óbito, ocorreu “ao primeiro de abril de 1869, às dez horas e meia da manhã”. Informaram que Rivail faleceu “ontem... em seu domicílio em Paris, na rua Ste. Anne, nº 59”.

A certidão ressalta o que todos sabemos: Allan Kardec retorna ao plano espiritual, numa quarta-feira, dia 31 de março do ano de 1869, **fulminado, como citam seus biógrafos, pela ruptura de um aneurisma.** (31).

Imediatamente após conhecimento do fato, o Sr. E. Muller, grande amigo de Kardec e de sua esposa, mandou o seguinte telegrama aos espíritas lioneses: “*Monsieur Allan Kardec est mort, on l'enterre vendredi*”, ou seja, em português: “Morreu o Sr. Allan Kardec, será enterrado sexta-feira”.

No mesmo dia, o sr. Muller assim se expressava em carta ao Sr. Finet, de Lião:

[...]

Ele morreu esta manhã, entre onze e doze horas, subitamente, ao entregar o número da "*Revue*" (32) a um caixeiro de livraria que acabava de comprá-lo, ele se curvou sobre si mesmo, sem proferir uma única palavra: estava morto.

Sozinho em sua casa (Rua Sant'Ana), Kardec punha em ordem livros e papéis para a mudança que se vinha processando e que deveria terminar amanhã. Seu empregado, aos gritos da criada e do caixeiro, acorreu ao local, ergueu-o... nada, nada mais. Delanne (33) acudiu com toda a presteza, friccionou-o, magnetizou-o, mas em vão. Tudo estava acabado.

(31) Nota da editora: Dificilmente a causa da desencarnação de Kardec teria sido o rompimento de um aneurisma, como se tem dito, chegando-se a especificar que teria sido da aorta descendente. A constatação do óbito por aneurisma, à época, se daria apenas através da necropsia, e não se consta que os despojos de Allan Kardec tenham sido submetidos a esse exame. A descrição do Sr. Muller, que diz: "ele se curvou sobre si mesmo, sem proferir uma única palavra, estava morto", acrescida da descrição de toda a cena, nos leva a crer tenha ocorrido uma parada cardíaca após um infarto fulminante do miocárdio. Demais, é manifesto, em suas biografias, pelas orientações médicas descritas, que Kardec era cardíaco. Dos arquivos de Canuto Abreu, publicada por Wantuil & Thiesen (pp. 112-113), uma carta de Kardec ao sr. Judermühle diz o seguinte: "Desde o dia 31 de janeiro (1865) [...] fui acometido de um reumatismo interno que se estendeu ao coração e aos pulmões"... Esta é a descrição de uma insuficiência cardíaca congestiva. L. Palhano Jr.

(32) Nota da editora: "Entregou o número da '*Revue*'. Este fato confirma que Kardec esteve lúcido até os seus últimos momentos na Terra, visto que nesse número da revista seus pensamentos mantinham a coerência e o bom-senso de sempre. L. Palhano Jr.

(33) Alexandre Delanne, pai do engenheiro e emérito pesquisador e escritor espírita Gabriel Delanne.

(MARTINS, e BARROS, 1999, p. 58-62). (grifo nosso).

Possivelmente um detrator mais perspicaz, poderá dizer que, num texto do livro *Obras Póstumas*, há provas de que Kardec foi alertado para o seu problema de saúde, e embora, de princípio, ele tenha se mostrado receptivo, o tempo mostrou que as advertências não foram atendidas, pois que sucumbiu de aneurisma. Ou seja, seria como um médico alertar a um fumante do perigo em que se encontra, e este embora, a princípio, se mostre receptivo, algum tempo depois vem a sucumbir de um câncer de pulmão. No atestado de óbito não constará que foi suicídio, é óbvio, mas implicitamente o paciente não está livre desta culpa. E isso não deixa de ser um suicídio, embora indireto. Além disso, a advertência foi clara: "Se, por descaso e excesso de trabalho, desencarnasse antes de acabar o que começara, Kardec seria mesmo julgado por homicídio voluntário nos tribunais divinos".

Para evitar esse tipo de argumento que, porventura, possa ser usado por alguém, vamos transcrever toda a história com o médico Demeure. Leiamos o que consta na *Revista Espírita*:

As duas comunicações seguintes, dadas em 1º e 2 de fevereiro, são relativas à enfermidade de que fomos atingidos subitamente a 31 de janeiro. Embora sejam pessoais, nós as reproduzimos, porque elas provam que o Sr. Demeure é tão bom quanto o Espírito que ele era como homem, e que oferecem, além disso, um ensino. É um testemunho de gratidão que devemos à solicitude de que fomos objeto de sua parte, nessa circunstância:

"Meu bom amigo, tende confiança em nós, e boa coragem; esta crise, embora fatigante e dolorosa, não será longa, e, com os comedimentos prescritos, podereis, segundo os vossos desejos, completar a obra da qual vossa existência foi o objetivo principal. Portanto, sou eu que estou sempre aí, junto de vós, com o Espírito de *Verdade*, que me permite tomar em seu nome a palavra, com o último de vossos amigos vindo entre os Espíritos! Eles me fazem a honra das boas-vindas. Caro mestre, quanto sou feliz de ter morrido mais cedo, teria talvez podido vos evitar essa crise que eu não previa; havia pouco tempo que eu tinha desencarnado para me ocupar de outra coisa senão do espiritual; mas agora velarei sobre vós, caro mestre, é vosso irmão e amigo que está feliz de ser Espírito para estar junto de vós e vos dar os cuidados que vos dão, vos

conformando estritamente às suas prescrições”.

“Faz muito calor aqui; este carvão é fatigante. Enquanto estiverdes doente, não o queimeis; ele continua a aumentar a vossa opressão; os gases que dele se desprendem são deletérios”.

“Vosso amigo,”

DEMEURE

“Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava junto dele quando do acidente que lhe ocorreu, e que teria podido ser funesto sem uma intervenção eficaz para a qual fiquei feliz em concorrer. Segundo as minhas observações e as informações que hauri em boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo a sua desencarnação se operar, mais cedo poderá se fazer a reencarnação pela qual virá acabar a sua obra. No entanto, lhe é preciso dar, antes de partir, a última mão nas obras que devem completar a teoria doutrinária da qual é o iniciador, e ele se torna culpado de homicídio voluntário contribuindo, por excesso de trabalho, ao defeito de seu organismo que o ameaça de uma subida partida para os nossos mundos. Não é preciso temer de dizer-lhe toda a verdade, para que se mantenha em guarda e siga ao pé da letra as nossas prescrições”.

DEMEURE

(KARDEC, 2000, p. 83-84) (grifo nosso).

Instruções para o Sr. Allan Kardec

(Paris, 23 de abril de 1865. – Médiun, Sr. Desliens.)

A saúde do Sr. Allan Kardec se enfraquecendo dia a dia em consequência dos trabalhos excessivos aos quais não pode bastar, me vejo na necessidade de repetir-lhe de novo o que já lhe disse muitas vezes: Tendes necessidade de repouso; as forças humanas têm limites que o vosso desejo de ver progredir o ensino vos leva frequentemente a infringir; estais errado, porque, assim agindo, não apressareis a marcha da Doutrina, mas arruinareis a vossa saúde e vos colocais na impossibilidade material de acabar a tarefa que viestes cumprir nesse mundo. A vossa doença atual não é senão uma dispensa incessante de forças vitais que não deixam, para repará-las, o tempo de se fazer, e de um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso. Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas com a condição de não desfazer o que nós fazemos. De que serve correr? Não vos foi dito, muitas vezes, que cada coisa virá a seu tempo e que os Espíritos prepostos do movimento das ideias saberiam fazer surgir as circunstâncias favoráveis quando o momento de agir tiver chegado?

Quando cada Espírita recolhe suas forças para a luta, pensais que seja do vosso dever esgotar as vossas? – Não; em tudo deveis dar o exemplo e o vosso lugar será atacado vivamente no momento do perigo. Que fariéis se o vosso corpo enfraquecido não permitisse mais ao vosso Espírito servir-se das armas que a experiência e a revelação vos colocaram nas mãos? – Crede-me, remetei para mais tarde as grandes obras destinadas a completar a obra esboçada nas vossas primeiras publicações; vossos trabalhos correntes e algumas pequenas brochuras urgentes têm com que absorver o vosso tempo, e devem ser os únicos objetos de vossas preocupações atuais.

Não falo somente em meu próprio nome, sou aqui o delegado de todos esses Espíritos que contribuíram tão poderosamente para a propagação do ensino pelas suas sábias instruções.

Eles vos dizem, por meu intermédio, que esse retardamento que pensais nocivo ao futuro da Doutrina é uma medida necessária em mais de um ponto de vista, seja porque certas questões não estão ainda completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É preciso que outros tenham desbravado o terreno, que certas teorias tenham provado a sua insuficiência e feito um maior vazío. Em uma palavra, o momento não é oportuno; poupai-vos, pois, porque quando disso for tempo, todo o vosso vigor de corpo e de Espírito vos será necessário. O Espiritismo não foi, até aqui, o objeto de muitas diatribes e levantou-se bem das tempestades! credes que todo movimento seja apaziguado, que todos os ódios sejam acalmados e reduzidos à impossibilidade? Desenganai-vos, o cadinho depurador não rejeitou ainda todas as impurezas; o futuro vos guarda outras provas e as últimas crises não serão as menos penosas para suportar.

Sei que a vossa posição particular vos suscita uma multidão de trabalhos secundários que empregam a melhor parte de vosso tempo. Os pedidos de todas as espécies vos sobrecarregam e vos fazeis um dever satisfazê-los tanto quanto possível. Farei aqui o que, sem dúvida não ousaríeis fazer vós mesmo, e, **dirigindo-me à generalidade dos Espíritas, pedir-lhes-ei, no próprio interesse do Espiritismo, de vos poupar toda sobrecarga de trabalho de natureza a absorver os instantes que deveis consagrar, quase exclusivamente, ao remate da obra.** Se a vossa correspondência com isto sofrer um pouco, o ensino aí ganhará. É, algumas vezes, necessário sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. É uma medida urgente que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebeis é para vós uma fonte preciosa de documento e de informações; ela vos esclarece sobre a marcha verdadeira e os progressos reais da Doutrina; é um termômetro imparcial; além disto, nela hauris satisfações morais que, mais de uma vez, sustentaram a vossa coragem vendo a adesão que as vossas ideias encontram em todos os pontos do globo; sob este aspecto, a superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de secundar os vossos trabalhos e não de entravá-los, vos criando um acréscimo de ocupações.

Dr. DEMEURE

Bom senhor Demeure, eu vos agradeço pelos vossos sábios conselhos. Graças à **resolução que tomei fazendo-me substituir**, salvo os casos excepcionais, a correspondência corrente sofre pouco agora, e não sofrerá mais no futuro; mas que fazer desse atraso de mais de quinhentas cartas que, apesar de toda a minha boa vontade, não posso chegar a pôr em dia?

R. É preciso, como se diz em termos de comércio, passá-las em bloco para a conta de lucros e perdas. Anunciando esta medida na *Revista*, vossos correspondentes saberão o que se passa; compreenderão a sua necessidade, e a acharão sobretudo justificada pelos conselhos que precedem. Eu o repito, seria impossível que as coisas fossem por muito tempo como estão; tudo disso sofreria, a vossa saúde e a Doutrina. É preciso, se preciso for, saber fazer os sacrifícios necessários. **Tranquilo, doravante, sobre este ponto, podereis vos ocupar mais livremente de vossos trabalhos obrigatórios.** Eis o que vos aconselha aquele que será sempre vosso amigo devotado.

DEMEURE.

Cedendo a este sábio conselho, pedimos àqueles de nossos correspondentes com os quais estamos há muito tempo em atraso aceitarem as nossas escusas e os nossos lamentos por não ter podido responder com detalhe, e como teríamos desejado, às suas benevolentes cartas. Consintam em receber aqui, coletivamente, a expressão dos nossos sentimentos fraternos. (KARDEC, 1993a, p. 153-155). (grifo nosso).

Como se poder ver, Kardec atendeu às recomendações dadas pelo Dr. Demeure, e coisa mais estranha, ele é um espírito, para os detratores um demônio, que, em nome de todos os outros Espíritos que participavam dessa revelação, disse a Kardec para que cuidasse de sua saúde senão morreria mais cedo, demonstrando pouco interesse em tê-lo imediatamente em suas "garras, nas profundezas do inferno", como seria o caso.

Por outro lado, conforme foi dito pelo evangélico, se Kardec estava "obcediado" (sic) pelos espíritos de luz, como poderiam esses demônios estar praticando uma boa ação? Não queriam exatamente ajudá-lo a levar adiante sua missão, por isso lhe faziam sérias recomendações a respeito de sua saúde? Estranho! Muito estranho, já que, até onde sabemos, são os espíritos maus (demônios) que promovem as obsessões, cujo interesse está em prejudicar não em ajudar, que é atitude própria dos espíritos de luz. Daí perguntamos: "*Por acaso, a fonte pode fazer jorrar da mesma mina água doce e água salobra?*" (Tg 3,11). E não venham com aquela surrada frase de que "satanás se transforma em anjo de luz" para justificar suas ideias, pois também está dito que: "*Quem pratica o mal, tem ódio da luz, e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas. Mas, quem age conforme à verdade, se aproxima da luz, para que suas ações sejam vistas, porque são feitas como Deus quer*" (Jo 3,20-21). E, apoiando-nos em Jesus, também diremos que: "*Uma árvore boa não pode dar frutos maus, e uma árvore má não pode dar bons frutos*" (Mt 7,18).

As orientações foram no início de fevereiro e em meados de abril do ano de 1865,

depois disso não há mais nenhuma outra comunicação de Demeure “puxando a orelha” de Kardec sobre estar trabalhando demais em prejuízo de saúde, do que concluímos que suas prescrições foram seguidas e o Codificador se recuperou, vivendo ainda por mais quatro anos. Era do conhecimento de Kardec que não viveria por muito mais tempo, conforme lhe fora dito em 17.01.1857, quando do anúncio de uma nova encarnação:

Não verás nessa existência, senão a aurora do sucesso de tua obra; será necessário que retournes, reencarnado num outro corpo, para completar o que tiverdes começado, e, então, terás a satisfação de ver, em plena frutificação, a semente que tiverdes difundido sobre a Terra. (KARDEC, 1993b, p. 281-282). (grifo nosso).

Reforça essa hipótese o seu trabalho posterior com a publicação de mais dois importantes livros básicos da codificação realizados em 01.08.1865 e 06.01.1868, “*O Céu e o Inferno*” e “*A Gênese*”, respectivamente. Não deixando de, neste período, continuar publicando a *Revista Espírita* que ele só parou com sua morte. Outras obras foram lançadas, tais como: *Coleção de Preces Espíritas* (1865) e *Estudo acerca da Poesia Medianímica* (1867).

Kardec tinha mesmo um pressentimento que sua vida não seria longa. Vejamos o que consta em seus escritos sobre isso:

24 de janeiro de 1860.

(Em casa da sra. Forbes, méd. sra. Forbes)

DURAÇÃO DOS MEUS TRABALHOS

Segundo minha apreciação, estimava que me seriam necessários ainda em torno de dez anos para terminar os meus trabalhos, mas não tinha dado conhecimento dessa ideia a ninguém. Fiquei, pois, muito surpreso ao receber, de meus correspondentes de Limoges, uma comunicação obtida espontaneamente, na qual o Espírito, falando dos meus trabalhos, dizia que o teria ainda por dez anos antes de terminá-lo.

Perg. – (À Verdade) – Como ocorre que um Espírito, se comunicando em Limoges, onde nunca fui, haja dito precisamente o que eu pensava sobre a duração de meus trabalhos.

Resp. – Sabemos o que te resta a fazer e, conseqüentemente, o tempo aproximado que te é necessário para acabá-lo. É, pois, muito natural que os Espíritos hajam dito em Limoges”, e alhures, para dar ideia da importância da coisa e o trabalho que ela exige.

No entanto, o prazo de dez anos não é absoluto; pode ser prolongado em alguns anos por circunstâncias imprevistas e independentes de tua vontade.

Nota. (Escrita em dezembro de 1866). – Publiquei quatro volumes de fundo para falar de coisas acessórias. Os Espíritos me pensam para publicar a *Gênese* em 1867, antes das perturbações. Durante o período de grande perturbação, deverei trabalhar nos livros complementares da Doutrina, que não poderão aparecer senão depois da grande tormenta, e para os quais me são necessários de três a quatro anos. Isso nos leva, o mais cedo, em 1870, quer dizer, em torno de dez anos.

(KARDEC, 1993b, p. 286).

Dois meses depois dessa comunicação, Kardec recebe mais uma outra, falando do seu retorno, leiamos:

10 de junho de 1860

(Em minha casa, médium, sra. Schmidt.)

MEU RETORNO

Perg. (À Verdade). Acabo de receber uma carta de Marselha, na qual se me diz que, num seminário dessa cidade, se ocupou seriamente do estudo do Espiritismo e de *O Livro dos Espíritos*. O que é preciso disso augurar? É que o clero tomou a coisa com interesse?

Resp. – Não podes disso duvidar: ele toma as coisas muito a sério, porque nelas prevê as conseqüências para ela, e as suas apreensões são grandes. O clero, sobretudo a parte esclarecida do clero, estuda o Espiritismo mais do que não o crês: mas não pensa que seja por simpatia; ao contrário, nisso procura os meios para combatê-lo, e assegura-te que lhe fará uma rude guerra. Não te

inquietares com isso; continue a agir com prudência e circunspeção; tenha-te em guarda contra as armadilhas que te serão estendidas; evita cuidadosamente, em tuas palavras e em teus escritos, tudo o que poderia fornecer armas contra ti.

Prossegui o caminho sem medo, e se ele está semeado de espinhos, asseguro-te que terás grandes satisfações antes de retornares “por um pouco” entre nós.

Perg. Que entendeis por essas palavras “por um pouco”?

Resp. – Não ficarás muito tempo entre nós; é necessário que retornes para terminar a sua missão, que não pode ser rematada nesta existência. Se isso fosse possível, não te irias daí de modo algum, mas é preciso suportar a lei da Natureza. Estarás ausente durante alguns anos e, quando voltares, isso será em condições que te permitirão trabalhar cedo. No entanto, há trabalhos que é útil que termines antes de partir; é porque te deixaremos o tempo necessário para acabá-los.

Nota. – Supondo aproximadamente a duração dos trabalhos que me restam a fazer, e tendo em conta o tempo de minha ausência e os anos de infância e da juventude, até a idade que um homem pode desempenhar um papel no mundo, isso nos leva, forçosamente, ao fim deste século ou ao começo do outro.

(KARDEC, 1993b, p. 289-290).

Observamos dessas comunicações que Kardec não teria mesmo muito mais tempo de vida; seria apenas o necessário para cumprir sua missão. Em princípios de 1860 ele estimou que deveria ter mais 10 anos de vida, fato confirmado pelos Espíritos, e isso nos remete a 1870. Mas, como os próprios Espíritos lhe informaram que também esse tempo poderia ser antecipado ou dilatado, como a sua morte se deu em fins de março de 1869, portanto, um pouco menos que o tempo presumido, cumpriu-se o que havia sido planejado para o cumprimento de sua missão. Fato também que se pode comprovar em relação aos documentos encontrados depois de sua morte, entre os quais não se observou nenhum que pudesse indicar alguma obra inacabada.

Resta-nos ainda ver o que consta sobre o assunto na *Revista Espírita* do ano de 1869, exatamente o ano do desencarne de Kardec. Na revista de maio é colocada a biografia do Codificador, da qual transcrevemos:

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro e o último à obra, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, no meio dos preparativos de uma mudança de local, necessitada pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Numerosas obras que ele estava ao ponto de terminar, ou que esperavam o tempo oportuno para aparecer, virão um dia provar mais ainda a extensão e a força de suas concepções.

Ele morreu como viveu, trabalhando. Há muitos anos, sofria de uma doença de coração que não podia ser combatida senão pelo repouso intelectual e uma certa atividade material; mas, inteiramente em sua obra, se recusava a tudo o que pudesse absorver um de seus instantes, às expensas de suas ocupações prediletas. Nele, como em todas as almas fortemente temperadas, a lâmina gastou a bainha.

Seu corpo se entorpeceria e lhe recusava seus serviços, mas seu espírito, mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, estendia sempre mais o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual, a matéria não podia eternamente resistir. Um dia ela foi vencida; o aneurisma se rompeu, e Allan Kardec tombou fulminado. Um homem faltava à Terra; mas um grande nome tomava lugar entre as ilustrações deste século, um grande Espírito ia se retemperar no infinito, onde todos aqueles que ele havia consolado e esclarecido, esperavam impacientemente a sua vinda! (KARDEC, 2001a, p. 134) (grifo nosso).

A calúnia é desmascarada: “Ele morreu como viveu, trabalhando”.

Nessa revista, são colocados vários discursos pronunciados sobre o túmulo de Kardec, destacamos o de Camille Flammarion, do qual transcrevemos: “[...] e a morte veio surpreendê-lo no momento em que, em sua atividade infatigável, ele trabalhava numa obra sobre as relações do magnetismo e do Espiritismo”. (KARDEC, 2001a, p. 139). (grifo nosso).

Sigamos ao próximo item.

Kardec renegou a reencarnação?

Aqui não iremos tecer nenhum comentário para defender Kardec; apenas traremos as palavras do nobre jornalista, escritor e conferencista espírita Deolindo Amorim (1906-1984), que assim se expressou sobre o assunto:

ALLAN KARDEC E A REENCARNAÇÃO

Um dos pontos fundamentais, senão o verdadeiro alicerce do Espiritismo, como já se sabe, é a reencarnação. É bastante ler-se "*O Livro dos Espíritos*", pedra angular da Doutrina, para que logo se verifique esta verdade, aliás notória. Teria, porém, Allan Kardec, sustentado a tese reencarnacionista até à hora do seu desenlace? Claro que sim, e se tal não ocorresse, todo o edifício doutrinário do Espiritismo teria de ser modificado. Apesar disto, pouco depois da desencarnação do Codificador, circulou uma notícia, na Europa, insinuando que ele próprio renegara as ideias reencarnacionistas. Dizia-se então: Allan Kardec, antes de morrer, renegou a reencarnação.

Qual a prova disto? Quando e a quem teria ele feito esta espantosa confissão?

Nenhum documento, nenhum testemunho, nenhuma prova até hoje! São numerosas, aliás, e cada qual mais bem arranjada, as velhas "histórias" de conversões e abjurações na "hora da morte". Naturalmente, como não seria possível *criar* uma história para fazer crer que um homem convicto e sereno, como Allan Kardec, abandonara o Espiritismo, no fim de sua existência terrena, depois de haver dado os mais eloquentes testemunhos de convicção, espalhou-se o boato de que o Codificador da Doutrina Espírita repudiara a crença na reencarnação, exatamente no momento da separação do seu Espírito.

A "história" da renegação ou retratação de Kardec apareceu em 1871, na Europa, e, no ano seguinte, "*La Revue Spirite*", de fevereiro de 1872, transcrevia e comentava, com alto espírito crítico, uma comunicação publicada no jornal austríaco "*Licht des Jenseits*", na qual ficara bem patente a reafirmação da tese reencarnacionista. Kardec continuava, portanto, no outro plano, a manter as suas ideias reencarnacionistas, sem qualquer dúvida ou reserva.

Se realmente Allan Kardec houvesse feito, na hora da morte, ou depois dela, qualquer declaração desfavorável à reencarnação, os íntimos ou familiares, pelo menos, deveriam saber disto, cedo ou tarde. A viúva, aquela dedicada companheira de lutas, que se chamava Amélie Boudet, ainda ficou encarnada por algum tempo, apesar de ser mais idosa do que ele, e nunca se soube sequer de um momento de recuo de Allan Kardec, em relação à tese da reencarnação.

A direção da "*Revista Espírita*" pôs as coisas nos devidos termos, tendo invocado até uma circunstância muito significativa no caso: poucos dias antes de sua morte, no ano de 1869, ele fizera a revisão de nova edição de "*O Livro dos Espíritos*", ainda publicado sob sua responsabilidade pessoal. Se, portanto, nessa oportunidade, ele não estivesse mais seguro quanto à validade da tese reencarnacionista, teria introduzido modificações no texto doutrinário da sua obra.

Na mesma ordem de ideias, levantou-se outra questão, também posterior à desencarnação do Codificador: se as palavras, para Allan Kardec, nada significavam, poder-se-ia substituir a palavra *Espiritismo* por outra mais adequada. Uma revista italiana, já depois de 1870, propôs a sua substituição, chegando a tachá-la de ilógica ou antiquada. O argumento mais corrente, na época, era apenas este: Allan Kardec dissera de uma feita que as palavras nada significavam e poderíamos dar às coisas os nomes que quiséssemos, contanto que houvesse entendimento. No entanto, havemos de convir que é preciso ver em que circunstâncias se pode tomar uma frase de quem quer que seja, para servir de bandeira a certos movimentos reformistas.

Para provar que Kardec prezava muito o valor exato das palavras, e foi por isso mesmo que ele criou a palavra Espiritismo, sabendo muito bem o que estava fazendo, "*La Revue Spirite*" transcreve, no mesmo número, com toda fidelidade, uma parte da Introdução de "*O Livro dos Espíritos*", precisamente a edição revista de 1869, na qual se vê a mesma expressão inicial: *Pour les choses nouvelles il faut de mots nouveaux..., ainsi le veut la clarté du langage, pour éviter la confusion inséparable du sens multiple des mêmes termes.* Ora, se

Kardec não fazia questão de palavras, como então se propalou, como é que ele próprio, ao fazer a última revisão de "O Livro dos Espíritos", manteve as mesmas expressões iniciais: *Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras?* Reafirmou inicialmente que os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*. Já se vê que a questão das palavras não é tão simples, tão destituída de importância como se pensa.

Já em 1939, quando se realizou o Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, ventilou-se a ideia de adotar a palavra *Espiritologia* em lugar de Espiritismo, por ser, esta última, de uso muito popular. A lembrança nem chegou a ser convertida em proposta para o plenário. Já se falou, também, na velha forma de *Neo-Espiritualismo*, como se pensou até em *Espiritosofia*, etc., etc., mas a verdade é que a palavra ESPIRITISMO é a que corresponde inteiramente ao caráter da doutrina codificada por Allan Kardec.

De tudo isso se conclui que Kardec:

em primeiro lugar – manteve a palavra *Espiritismo*, com todo o cabimento;

em segundo lugar – sustentou inteiramente o princípio da reencarnação, como fundamento filosófico do Espiritismo.

("Revista Estudos Psíquicos" - Lisboa - julho de 1958.)

(AMORIM, 1995, p. 124-127). (grifo nosso).

Nada mais a declarar. Vamos em frente, ao último item.

Kardec arrependeu-se do Espiritismo?

Via de regra são os fanáticos religiosos que dizem isso, no entanto, aparece, algumas vezes, um ou outro cético com esse mesmo argumento. Entretanto, carece-lhes base moral para se apoiarem numa suposta comunicação póstuma de Kardec, uma vez que não aceitam a comunicação dos espíritos; os primeiros, por acharem que apenas os demônios podem se manifestar; os outros, por serem materialistas demais, não acreditam em espíritos. Certamente, que são incoerentes todos os que, não acreditando na comunicação dos espíritos, mesmo assim apresentam uma desculpa qualquer para justificarem suas ideias.

Para essa afirmação, parece-nos que se baseiam em algo dito por Charles Richet (1850-1935), embora falte a quem usa esse argumento o dever de pesquisar sua veracidade. Em sua obra *Tratado de Metapsíquica*, volume II, capítulo III – Monições¹ de morte, ele afirmou:

O célebre Home, que deu os mais belos exemplos conhecidos de ectoplasmia, teve algumas vezes fatos de lucidez. No dia e no mesmo momento, um minuto depois, diz ele, da hora em que morreu Allan Kardec, um dos protagonistas da doutrina espírita, Home recebia a mensagem espírita seguinte: "Lastimo haver ensinado a doutrina espírita, Allan Kardec". A mensagem foi recebida na presença do conde de Duraven (158).

Porém, mesmo assim, seria interessante saber exatamente em que condições essa mensagem foi transmitida.

(158). - D. D. Home, *Les Lumières et les Ombres du spiritualisme*, trad. fr., Paris, 1883, Dentu, 114.

(RICHET, s/d, p. 109-110) (grifo nosso).

É uma pena que o sr. Home não precisou a hora em que teria recebido essa mensagem, que disse ter acontecido um minuto após seu falecimento, pois ajudar-nos-ia a resolver qual foi mesmo a hora em que Kardec morreu. André Moreil, na sua biografia do Codificador, menciona, com base num telegrama do Sr. Muller, que teria ocorrido entre onze e doze horas (MOREIL, 1986, p. 85), entretanto, na certidão de óbito, documento oficial, consta "falecido ontem às duas horas da tarde" (MARTINS e BARROS, 1999, p. 58).

Oportuno lembrar aos menos avisados que Home não era espírita, o fato dele ter sido médium não faz dele um espiritista; ele, na mocidade, foi seguidor de Wesley (Igreja

¹ Monição: (do lat. *Monitionem*). Revelação, às vezes pelo sono, de acontecimentos presentes ou passados. (PAULA, 1970, p. 122).

Metodista), passou para Congregacionalismo, depois converteu-se ao Catolicismo e, finalmente, tornou-se membro da Igreja Grega (DOYLE, 1990, 184).

Iremos consultar a obra que Richet cita como fonte; porém, antes, devemos fazer algumas considerações, por julgarmos bem oportunas.

Louvável a atitude de Charles Richet em considerar a Metapsíquica como originária das pesquisas de Allan Kardec (RICHET, vol. I, s/d, p 54), com as quais, é bom ressaltar, veio a estruturar o Espiritismo. Não se vê os parapsicólogos da atualidade falarem disso, parece terem se esquecido dessa origem ou, quem sabe, até mesmo alguns a ignorem. O problema desse renomado autor é que, mesmo assim, afirmava que a Metapsíquica “nada tem a ver com as cousas do *além-túmulo* e até que não há talvez *além-túmulo*” (RICHET, vol. I, s/d, p. 22), pois, para ele, aceitar a reencarnação, um dos princípios do Espiritismo, era fugir do campo da ciência.

Não podemos também deixar de registrar, uma vez que julgamos de suma importância, que nem mesmo Richet deu crédito irrestrito a essa fala de Home; tanto é que, de imediato, ressaltou: “Porém, mesmo assim, seria interessante saber exatamente em que condições essa mensagem foi transmitida” (RICHET, s/d, p. 110) (grifo nosso). Portanto, o Nobel de Fisiologia e Medicina de 1913, agiu com prudência, ao colocar essa notícia sob reservas, coisa que, geralmente, os detratores, afoitos em encontrar alguma coisa contra o Espiritismo, não fazem.

Pena é que Richet não continuou nessa linha de pensamento, pois, ao afirmar que “A religião espírita é inimiga da ciência” (RICHET, vol. I, s/d, p. 33), prova, na pior das hipóteses, que não se deu ao trabalho de entender realmente a Kardec, afirmando algo que representa exatamente o contrário do que pensava o Codificador:

[...] Apliquei a essa nova ciência, como até então tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. [...] (SAUSSE, 2001, p. 16-17). (grifo nosso).

O Espiritismo não coloca, pois, como princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. [...] O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais transbordado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está no erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita(1).

(1) Diante das declarações tão claras e tão categóricas quanto as que estão contidas nesse capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e a autocracia dos princípios, todas as falsas assimilações que, pessoas prevenidas ou mal informadas, emprestam à Doutrina Espírita. Essas declarações, aliás, não são novas; nós a temos muito frequentemente repetidas em nossos escritos, para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Elas nos assinalam, além disso, o nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhador.

(KARDEC, 1999, p. 278-279) (grifo nosso).

Portanto, vê-se que Kardec, por considerar o Espiritismo uma ciência, a ela aplicou os procedimentos científicos da sua época – hoje se diz protocolos científicos –, para desvendar os fenômenos que lhe deram origem.

É ainda de Richet essa “pérola”:

É necessário admirar sem reserva a energia intelectual de Allan Kardec. Não obstante a sua credulidade exagerada, tem fé na experimentação. É sempre na experimentação que se apoia, de maneira que a sua obra não é apenas uma teoria grandiosa e homogênea, mas também um imponente repositório de fatos. (RICHET, vol. I, s/d, p. 54) (grifo nosso).

Trazemos, por pertinente, as considerações de Deolindo Amorim, sobre essa fala de Richet:

Muito Bem! Eis aí no mesmo trecho duas assertivas incompatíveis: em primeiro lugar, Allan Kardec era um homem de CREDULIDADE EXAGERADA; em segundo lugar, o mesmo Allan Kardec se apóia SEMPRE NA EXPERIMENTAÇÃO. Das duas uma: se era um homem que se apoiava sempre na experimentação, isto é, um homem que fazia questão dos fatos e das provas, não poderia ter uma credulidade exagerada... É difícil harmonizar duas características tão díspares dentro da mesma estrutura psicológica. Um homem de credulidade exagerada não tem condições psicológicas para a experimentação e o raciocínio claro. O juízo de Richet apresenta Kardec através de um flagrante contraste, como se fossem dois tipos irreconciliáveis: um Kardec experimentador rigoroso sempre voltado para os fatos e outro Kardec, francamente oposto, porque levado por uma credulidade exagerada. Qual dos dois será, afinal, o verdadeiro Allan Kardec?...

Afirma Richet, no mesmo passo, e sem cortar o fio do pensamento crítico, que a obra de Allan Kardec não é apenas uma teoria grandiosa e homogênea, mas também um repositório imponente de fatos. Conceito inteiramente justo e consistente. Entretanto, o mesmo Richet, na mesma obra, também escreveu isto:

"Os espíritas receberam o meu Tratado de Metapsíquica com grande frieza. Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil, propus aguardar, para se constituir qualquer teoria defensável, que os fatos fossem classificados, codificados, marcados, acompanhados das necessárias exigências do método experimental".

Foi justamente o que fez Kardec. Está muito certo o pensamento de Richet, no que diz respeito à necessidade do método experimental. Não poderíamos esperar outra atitude intelectual de um homem de sua formação científica, sempre afeito ao trabalho de pesquisa. Nem por isso, infelizmente, se deixa de encontrar um antagonismo, aliás injustificado ou incompreensível, nas opiniões do próprio Richet: chama a teoria espírita de frágil e ingênua, mas declara, lá adiante, que é uma teoria grandiosa e homogênea, um imponente repositório de fatos.

Como se pode conciliar tudo isto no mesmo raciocínio crítico? Como uma teoria grandiosa e homogênea, e homogeneidade pressupõe unidade e coerência, pode ser também ingênua e frágil? Se é frágil é porque não tem homogeneidade nem consistência; se é homogênea, é coerente, tem fundamento lógico, não pode ser ingênua e frágil. Afinal, se uma teoria é ingênua e frágil, não pode ser, ao mesmo tempo, um imenso repositório de fatos. Uma coisa ou outra. Não se pode sair desta dedução. (...) (AMORIM, 1995, p. 53-54) (grifo nosso).

Realmente, percebe-se a incoerência de Charles Richet quanto ao aspecto científico levado a efeito por Kardec que, antes de se aventurar em dar alguma explicação, tratou primeiro de experimentar para deduzir dos fatos aquilo que se tornou o corpo doutrinário do Espiritismo.

Continuando, com as ponderações de Deolindo Amorim, transcrevemos:

Acho, no entanto, que Richet não situou bem Allan Kardec no quadro da crítica. O retrato psicológico, que ele fez do Codificador do Espiritismo, não é fácil de se entender, porque não corresponde aos traços marcantes do feito de Kardec. Há um contraste muito contundente na tessitura da personalidade. Depois de dizer, por exemplo, que "é necessário admirar a energia intelectual de Allan Kardec", aponta-o, como já vimos, com uma credulidade exagerada, embora sempre apoiado na experimentação. Depois de classificar a teoria de Kardec de grandiosa e homogênea, dois adjetivos inteiramente apropriados à Doutrina Espírita, Richet desfaz tudo isto, dizendo o seguinte:

Essa teoria tem, entretanto, um lado fraco, dolorosamente fraco. Toda a construção do sistema filosófico de Allan Kardec (que é aquela mesma do Espiritismo) tem por base esta brilhante hipótese de que os médiuns, nos quais diz que os Espíritos estão incorporados, não se enganam nunca, e que as escritas automáticas nos revelam verdades que é necessário aceitar, a não ser que se esteja influenciado por maus Espíritos.

Diante disto, vai por água abaixo tudo quanto foi dito pelo próprio Richet sobre a energia intelectual de Kardec, a fé na experimentação, etc.

Evidentemente, uma teoria que chega a admitir que os médiuns **NÃO SE ENGANAM NUNCA** não pode ser levada a sério, não tem lastro de uma teoria grandiosa e homogênea. Vemos, portanto, dentro desta conceituação, que Richet traçou o perfil de Kardec, através de um retrato psicológico muito contraditório.

Quem lê cuidadosamente a Codificação da Doutrina encontra um Kardec muito diferente, em tudo por tudo, um homem incapaz de se deixar dominar por ideias preconcebidas. Allan Kardec era justamente o tipo contrário à figura ingênua que Richet nos apresenta. Justamente por não admitir Espíritos nem médiuns infalíveis nem onicentes, a Doutrina Espírita nos recomenda, com os maiores cuidados, que submetamos ao crivo da razão todas as comunicações recebidas, ainda que tragam nomes de santos ou de celebridades. Allan Kardec trabalhou com mais de dez médiuns, rejeitou muitas comunicações, como ele próprio nos diz, por não estarem de acordo com o raciocínio claro. Comportou-se, perante os Espíritos, com a mesma frieza e o mesmo rigor com que se comportava perante os homens em seus estudos. Jamais a Doutrina Espírita poderia prescrever a crença na infalibilidade dos médiuns.

Pois bem! Richet viu a obra e a personalidade de Kardec por um prisma completamente negativo, isto é, o prisma de uma hipótese em que os médiuns não se enganam NUNCA! Jamais a Doutrina diria ou admitiria tal!... Kardec foi o primeiro a recomendar a necessidade do método experimental em Espiritismo. Veja-se *A Gênese*, Cap. I, nº 14. O Codificador diz textualmente em *O Livro dos Médiuns*:

Enganar-se-iam singularmente acerca do nosso modo de pensar os que supusessem que aconselhamos a abandonar os fatos; é pelos fatos que chegamos à teoria; é verdade que foi preciso para isso trabalho assíduo de muitos anos e milhares de observações.

Que poderíamos querer mais? Um homem que procede assim, com toda a segurança do verdadeiro espírito científico, um homem que sempre fez apelo à razão e à crítica, não poderia enquadrar-se na contextura intelectual de quem se deixasse guiar por uma credulidade exagerada. Apesar de alguns elogios, que fez a Kardec, sem favor, Richet não deu uma ideia real do tipo psicológico do Codificador do Espiritismo. Apesar do mérito de sua obra, apesar de sua grande autoridade científica, Richet não interpretou bem a personalidade de Allan Kardec. (AMORIM, 1995, p. 56-58).

Cabe-nos acrescentar apenas a fala de Kardec da qual Richet, possivelmente, tirou essa "fantástica" dedução que os espíritos não se enganam nunca:

Os Espíritos elevados não ensinam senão coisas boas; sua moral é a do Evangelho, não pregam senão a união e a caridade, e jamais enganam. Os Espíritos inferiores dizem absurdos, mentiras, e, frequentemente, grosserias mesmo. (KARDEC, 1993c, p. 3) (grifo nosso).

Ora, o entendimento de Richet está, segundo o nosso julgamento, completamente equivocado, pois uma coisa é dizer que "jamais enganam" outra é "jamais SE enganam"; enquanto, pela primeira expressão significa dizer que os espíritos elevados só dizem a verdade, pela segunda a conotação é de que eles são totalmente infalíveis.

Uma informação a respeito de Richet, que mostrará que ele não foi totalmente irredutível, vindo, posteriormente, a admitir a sobrevivência do espírito, embora não tenha feito isso publicamente, fato que não conseguimos entender, pois, na sua obra *A grande esperança*, fica evidente que passou a ter essa crença. Vejamos o que Dr. Sérgio Valle nos apresentou:

A revista londrina "PSYCHIC NEWS", de 30 de Maio de 1936, publicou, com todas as circunstâncias que os provocaram e os explicaram, dois documentos de suma importância para a causa espiritualista: uma carta de Bozzano a Miss E. Maud Bubb e outra de Richet a seu amigo Bozzano.

A primeira é do seguinte teor:

"Estimada Miss Bubb:

Fiquei satisfeito ao saber que enviastes a "Psychic News" um extrato

de minha carta, na qual dizia que, nos últimos momentos de sua existência, o Prof. Richet me confessou a sua crença no Espiritismo.

Com o maior prazer vos envio copia da carta em que êle me dá a grata notícia.

Eis o que se passou:

Como demonstração de apreço, ofereceu-me seu livro "*Au Secours*", com a seguinte dedicatória: "*A mon savant et vaillant ami E. Bozzano, en toute sympathie croissante*²". (A meu sábio e valente amigo E. Bozzano, com toda crescente simpatia).

Como a palavra "crescente" estivesse grifada, fiquei surpreendido e satisfeito, pois tive a intuição de que a expressão dada a esse vocábulo tinha mais importância teórica do que apreciação pessoal. Não pude subtrair-me ao desejo de o mencionar ao Prof. Richet, expressando-lhe, com certa timidez, a esperança que tal palavra despertara em meu coração. Pela segunda vez, respondeu-me com uma carta ao alto da qual se lia a palavra "*Confidencial*". Eis aqui a cópia da carta: (De Richet a Bozzano).

"Meu caro e eminente colega e amigo:

Sou inteiramente do seu parecer: não creio, com efeito, na explicação simplista segundo a qual os acontecimentos da nossa existência: e a direção da nossa vida são provocados exclusivamente pelo acaso, embora não seja possível apresentar prova nesse sentido. O Fado existe, o que equivale a dizer: uma Fôrça que nos guia e conduz aonde bem lhe pareça, por vias indiretas, tortuosas e muitas vezes bizarras. E, também fora da direção da vida, há coincidências tão estonteantes, que é bem difícil não se creia a obra de uma intencionalidade (De quem? De que...?).

E, agora, abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e Sir Oliver Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência.

Creia, peço-lhe, nos meus integrais sentimentos de simpatia e de gratidão.

CHARLES RICHEL.

(VALLE, 1959, p. 399-400). (grifo nosso).

Essa correspondência também foi citada por Deolindo Amorim (AMORIM, 1995, p. 55), e Francisco Klörs Werneck a confirma, conforme veremos um pouco adiante.

Já esperamos afirmativas do tipo "os espíritas costumam dizer que Richet se teria convertido à interpretação espírita pouco antes de morrer" (QUEVEDO, 1993, p. 209), atitude que é muito comum aos detratores do Espiritismo, que fazem de tudo para negarem a sobrevivência da alma ou os fenômenos da comunicação com os espíritos, aliando-se, dessa forma, com os materialistas que negam qualquer coisa a nível espiritual. A ele nós diríamos: "Se é dogma, calemo-nos; se é apelo à razão, raciocinemos" (VALLE, 1959, p. 282).

E por falar em raciocinar, acrescentamos que esse sr. Padre, por coerência, deveria aliar-se aos espiritualistas, e não andar de mãos dadas com os materialistas. Ele foi mais além dizendo tratar-se de "mentiras dos espíritas" (QUEVEDO, 1993, p. 209), que, não era a primeira vez que havia comprovado isso, para depois concluir:

Quem mentiu? Bozzano? Nem sequer aparece em nenhum livro nem reedição dos livros de Bozzano, que foi escritor incansável por quase uma década após a morte de Richet... Mentiu o "*Psychic News*"? Ou a mentira é dos espíritas brasileiros?

Mas a situação é pior ainda. E que a frase em questão atribuída a Richet, mesmo que fosse verdadeira, não autoriza de nenhum modo aos espíritas afirmar que Richet se houvesse convertido ao Espiritismo, ou à hipótese de base, a comunicação com os mortos. [...] (QUEVEDO, 1993, p. 210).

E o que causa estranheza é quanto a dúvida, aliás não deveríamos ter com o que nos estranhar, pois isso trata-se de uma característica do caráter desse prelado, que sempre se

2 Palavra com grifo do original.

porta dessa maneira, como se diz popularmente: "Freud explica". E se "é típico que o supersticioso acredite no que imagina" (QUEVEDO, 1993, p. 209), mais certo ainda que isso, é que o dogmático acredita nos seus dogmas: "Creio ainda que absurdo"³.

O Dr. Sérgio Valle, em *Silva Mello e os seus mistérios*, teve a preocupação de colocar um fac-símile da revista *Psychic News*, que reproduzimos:

May 30, 1936

Psychic News

RICHET ACCEPTED SURVIVAL BEFORE HE "DIED"

THIS FACT IS PROVED BY HIS LETTER TO ITALIAN SCHOLAR

When "Psychic News" recently announced that Professor Charles Richet, who, for years, accepted Spiritualism's phenomena without the implications of Survival, was convinced of our truths before his passing, our statement was challenged. Below we print a letter from Miss E. Maude Bubb, and the correspondence between Richet and Professor Ernesto Bozzano, the distinguished Italian scholar, which confirms our statement.

Bozzano has approved Miss Bubb's translation of his own letter to her in Italian and Richet's communications to him in French

By E. MAUDE BUBB

AS I understand that there has been incredulity with regard to my statement that towards the end of his life Professor Charles Richet modified his views respecting Survival, I am sending you the following letter from Professor Bozzano.

At first, the letter hesitated to publish a letter marked "Confidential" naturally he would not have done so during the writer's life-time—but after due consideration Bozzano came to the conclusion that placing his change of view on record now could not possibly damage Professor Richet's reputation, but that in the near future, when Survival is accepted by all, it would greatly enhance it.

From PROFESSOR BOZZANO (Translated by Miss BUBB)

Dear Miss Bubb, "I was pleased to hear that you had sent an extract of my letter to you to *Psychic News* in which I told you that Professor Richet, in the last months of his life, had acknowledged the acceptance of a belief in Spiritualism. I gladly consent to send you a copy of the letter in which he announced the joyful news. This is what took place.

INCREASING SYMPATHY "As a mark of appreciation he presented me with his book 'Au Secours' in which he had written the following inscription: 'A mon Savant et vaillant ami E. Bozzano en toute sympathie croissante.' ('To my learned and valiant friend, E. Bozzano, in complete, increasing, sympathy')

"As he had underlined the word 'croissante' (increasing) I was surprised and delighted, for it flashed into my mind that such emphasis given to the word must have a theoretical importance of more than mere personal appreciation. I could not refrain from mentioning this to Professor Richet, telling him with some confidence of the hopes which that underlined word had kindled in my chest.

"He replied in a letter on the corner which was written in large letters, I underlined, the word 'Confidential'. He began the letter commenting on a remark of mine to the effect that difficult question as to whether there be 'relative free will,

A BOOK BARGAIN

"Psychic News"

Bound Volume at Half Price Invaluable for Reference

Volume 4 1934-5 Reduced from 12/6 to 6/3 Postage 3d. extra

"Psychic News,"

144 High Holborn, London, W.C.1

conditioned by a circumscribed Fate which controls our life."

"This is a copy of the letter

"(Confidential)

"Mon cher et éminent collègue et ami,

"Je suis tout à fait de votre avis. Je ne crois pas à cette explication simpliste que les événements de notre existence, et la direction de notre vie soient dus au hasard seul, quoique on ne puisse pas en donner la preuve. Il y a un *Fatum*, c'est-à-dire une force qui nous conduit et qui nous mène où elle veut par des chemins bizarres et détournés. Même en dehors de la direction de notre vie, il y a des coïncidences si saisissantes qu'il est difficile de ne pas y voir comme une intention (De qui? De quoi?)

"Et maintenant je m'explique tout à fait confidentiellement avec vous. C'est vrai ce que vous avez supposé. Ce qu'on n'a pu obtenir ni Myers, ni Hodgson, ni Hyslop, ni Sir Oliver Lodge, vous l'avez obtenu avec vos magistrales monographies que je lis toujours avec une attention religieuse. Ils font un étrange contraste avec les fumeuses théories qui encombrant notre science.

"Croyez, je vous prie, à tous mes sentiments de sympathie et de reconnaissance.

"CHARLES RICHET"

"COMPLETE AGREEMENT"

"(Confidential)

"My dear and eminent colleague and friend,

"I am in complete agreement with you. I do not believe in that simple explanation whereby the events of our life and the sequences of our existence are due solely to chance, although one cannot prove it. There is a *Fate*, that is to say a force, which guides us and which leads us where it will by strange and tortuous paths. Even apart from the guidance of our life, there are such striking coincidences that it is difficult not to see in them something like a purpose (Whose purpose, or what purpose?)

"And now I am going to speak quite confidentially. What you



Charles Richet

alleged is true. What neither Myers, nor Hodgson, nor Hyslop, nor Sir Oliver Lodge were able to do, you have accomplished by your masterly monographs, which I always read with an almost religious fervour. They form a strange contrast to the murky theories which obscure our science.

"Accept, I pray, my sentiments of appreciation and gratitude.

"CHARLES RICHET"

STEP BY STEP

"This was the last epistle but one which Professor Richet wrote me. Looking through his letters I find that about two years before (this communication is undated, a frequent occurrence in his correspondence with me) he had sent me another letter which contains this paragraph: 'Malgré mon vieux âge je travaille encore, et je prépare un livre sur les idées qui vous sont chères: à vous comme à moi. Le titre de mon livre 'La Grande Espérance' indique assez nettement que peu à peu je me rapproche de vos idées. Toutefois je ne crois pas au spiritisme suivant les formules enfantines d'Allan Kardec, ou de Conan Doyle . . .

(In spite of old age I still work. I am engaged in writing a book on the subject which is dear to you,—to you, and also to me. The title of the work, 'The Great Hope,' shows plainly enough that little by little I am approaching your views. . . Nevertheless I do not believe in Spiritism after the childish formulas of Allan Kardec or Conan Doyle . . .)

TROUBLES OF A MATERIALIST

"And when in 1927 the French review, 'Comedia' instituted an enquiry as to the belief of eminent scientists with regard to the survival of the soul, Richet sent the following reply: 'Je vais vous répondre en absolue franchise. Tantôt j'y crois. Tantôt (plus souvent peut-être) je n'y crois pas. Comment un physiologiste peut-il supposer qu'il y a une survie de la conscience sans cerveau? D'autre part, comment nier les faits dits spiritiques qui comportent par l'hypothèse une explication plus simple que toute autre? . . .

(I am going to answer you with absolute frankness. Sometimes I believe. Sometimes (more often, perhaps) I do not believe. How can a physiologist conceive that there can be a survival of consciousness without a brain? On the other hand, how deny the facts called spiritistic

which by hypothesis support a more simple explanation than any other?")

"One sees from the above quotation that even in 1927 Richet had fleeting moments when the evidence of Spiritistic facts appeared to convince his logical brain, a conviction quickly suppressed by the traditions of a long life immersed in the materialistic thought of a physiologist.

"In this connection it is as well to cite a curious phrase in the dedication which Camille Flammarion wrote in the copy of his 'Maisons Hantées' which he presented to me: 'A mon illustre collègue en recherches psychiques Ernesto Bozzano. Bien sympathique hommage. Un chercheur de longue date toujours au vestibul.'

"To my illustrious Colleague in Psychical Research, Ernesto Bozzano. In most appreciative homage. From a Seeker of long standing, but one still on the threshold."

"From which one learns that Flammarion also experienced periods of doubt, in which it appeared to him that he was still in the outer courts of the temple of Spiritualism. Some readers will be surprised and pained by Camille Flammarion's confession.

"But one must not forget the radical difference in the state of mind of Richet as contrasted by that of Flammarion, for whereas in 1927 Richet's disbelief in Survival was the rule, and his belief in it the exception, in the case of Flammarion, his faith in a future life was the rule, and his scepticism the exception.

"Such fleeting periods when doubts assail the mind of even the most experienced student of psychic facts and experiences, is a profoundly human phenomenon, and psychologically quite normal."

The ROAD THAT ALL MUST TRAVEL

find

out

about

it

Join

The QUEST CLUB

Annual Subscription One - - Guinea

AT HOME Every Wednesday from 3.30—5 p.m. To meet those interested in Survival. Tea served at small cost. 5 p.m., Clairvoyance.

For full particulars apply to the

SECRETARY,

16 QUEENSBERRY PLACE

LONDON, S.W.7

Telephone: KENnington 2295-2.

(Two minutes from South Kensington Station)

Open 10 a.m. to 10 p.m. Monday to Saturday inclusive.

Read "LIGHT," the weekly Journal of the L.S.A. Founded 1881.

Price 2d.

Subscription per annum, 10/6.

KILNASCREEN DEVELOPS CLAIRVOYANCE.
Full instructions for use. Price 1/6. Post free.
LONDON PSYCHIC EDUCATIONAL CENTRE DUPTON 17, Ashmole Gate, London, W.C.2

"Psychic News" Popular Hymns for Propaganda Meetings
4 Large Pages.
Prices: per 1,000, 11s.; 500, 6s.; 250, 3s. 6d.
Post free from "Psychic News," 144, High Holborn, London, W.C.1.

Sim, claro; é uma revista espírita; mas daí querer que uma de cunho católico publicasse isso é ir longe demais. E os meios de comunicação da época, por viverem sob as "bençãos" da Igreja, certamente, que também não o fariam; portanto, só deve mesmo ter sobrado a

3 Frase atribuída a Tertuliano; entretanto, segundo Timothy Freke e Peter Gandy, baseado-se em Tertuliano, *The Body of Christ*, 5, a frase seria: "É verdade porque é absurda, acredito nela porque é impossível!". (FREKE e GANDY, 2002, p. 193).

Bozzano a opção de publicá-la nessa revista.

Por outro lado, esse tipo de argumento é totalmente fraco, pois, caso seja publicado algo contra o Espiritismo num livro ou num periódico de cunho católico, podemos alegar, usando o mesmo critério do sr. Padre, que sendo uma publicação católica não merece crédito: é mentira.

É também importante e oportuno verificarmos se há mentira nisso ou se é apenas algo que se enquadra numa ou em ambas destas situações: “Só a vaidade, o orgulho, o exagerado amor às tradições de ordem religiosa ou social têm tido a força de impedir que certos homens neguem aquilo que deveriam defender”. (MELO, 2009, p. 18-19) e “Ninguém há que, preso e aferrado ao dogma, possa, com descortino, sair fora do círculo estreito e restrito em que se encerrou”. (MELO, 2009, p. 54).

Já que o “(ex-)Caçador de Enigmas” afirmou que isso não aparece em nenhuma das obras de Ernesto Bozzano, que foi um obstinado estudioso dos fenômenos psíquicos, cabe-nos, demonstrar que algo poder-se-á encontrar em sua obra *Animismo e Espiritismo?*, na qual se lê: “[...] julgo oportuno citar um trecho de carta que o professor Richet me escreveu, poucos meses antes de sua morte, carta que publiquei na revista inglesa *Psychic News* (30 de maio de 1936), [...]” (BOZZANO, 1987, p. 230). Portanto, está aí a confirmação do próprio Bozzano a respeito da carta de Richet e de sua publicação no periódico inglês. Porém, é conveniente informar que nesse livro ele não transcreveu toda a carta, alegando que:

Em seguida a essas considerações, o Professor Richet me referia algumas surpreendentes “coincidências”, ocorridas com ele pessoalmente, mas que me abstenho de relatar, em respeito à palavra “confidencial”, que as precedia (BOZZANO, 1987, p. 230).

Essa parte é justamente aquela publicada na revista *Psychic News*, na qual Richet diz ter se convencido da realidade dos fenômenos espíritas. É certo que, se porventura, não fosse verdade, Bozzano teria questionado o editor da revista *Psychic News*, e, esse, por sua vez teria se retratado de uma publicação indevida; isso por pura questão de lógica.

Encontramos, pelo menos, mais dois autores que tiveram em mãos o *Psychic News*. Um deles foi Werneck, em *Materializações de espíritos*, afirmou:

Dizemos ainda que Richet foi também o autor de *O sexto sentido* e de *A grande Esperança* e que só no fim de sua vida, em carta dirigida a Bozzano, se confessou vencido pela evidência dos fatos da sobrevivência, carta esta estampada na pág. 114⁴ do belo trabalho do Dr. Sérgio Valle “*Silva Mello e os seus mistérios*” e que eu mesmo li, na íntegra, no nº de 30 de maio de 1936 do *Psychic News*, de Londres. (WERNECK, 1976, p. 37) (grifo nosso).

O outro autor é o pesquisador e historiador Samuel Nunes Magalhães que, na obra *Charles Richet, o apóstolo da Ciência e o Espiritismo*, tem a mencionada revista relacionada na bibliografia desse livro (MAGALHÃES, 2007, p. 343). Inclusive, na página com o título dessa obra, Magalhães coloca esta fala de Richet, que transcrevemos tal qual está impressa:

...Tão invulnerável é a ciência quando estabelece fatos, quão deploravelmente sujeita a errar quando pretende estabelecer negações... Não há contradição alguma entre os fatos e as teorias do Espiritismo e os fatos positivos estabelecidos pela ciência... Em lugar, portanto, de parecer ignorarem o Espiritismo, os sábios o devem estudar. (MAGALHÃES, 2007, p. 3).

É oportuno, ainda, colocarmos que essa afirmação de Richet pode ser encontrada no artigo “Deve-se estudar o Espiritismo”, publicado nos *Annales des Sciences Psychiques* de janeiro de 1905, conforme informação de Léon Denis. (DENIS, 1987, p. 32-33).

Este fato é interessante, pois nos faz retornar a isto que foi dito por Quevedo, a respeito da frase publicada no *Psychic News*: “E que a frase em questão escrita provavelmente por Richet, mesmo que fosse verdadeira, não autoriza de nenhum modo aos espíritas afirmar que

⁴ Na verdade a carta está citada às páginas 399-400, e na 401 encontra-se um fac-símile da página da revista *Psychic News*, onde ela foi publicada.

Richet se houvesse convertido ao Espiritismo, ou à hipótese de base, a comunicação com os mortos". (QUEVEDO, 1993, p. 210). Quanto à primeira questão, nós concordamos com ele; basta-nos colocar no devido lugar Richet como pesquisador, já que "Espírita não pode ser cientista" (QUEVEDO, 1993, p. 7); quanto à segunda, faltou ao sr. Padre uma pesquisa mais aprofundada nas obras de Richet, nas quais isso fica claro como, por exemplo, nestas suas três afirmações:

Mas, de minha parte, prefiro supor uma lucidez, como há pouco vimos em tantos exemplos; nada mais ser que a intervenção de um espírito. (RICHET, 1999, p. 21). (grifo nosso).

Aqui, ao contrário, podemos encarar, certamente não como provável, mas com todo rigor possível, a intervenção de um espírito que se materializa, dando-se a conhecer ao percipiente. (RICHET, 1999, p. 21). (grifo nosso).

Fazendo a síntese de todos os casos invocados pelos espíritas para defender seu dogma, pode-se unicamente dizer isto: que num número notável de casos a hipótese espírita é a mais simples, isto é, melhor. Mas eis tudo. (RICHET, 1999, p. 173) (grifo nosso).

Aliás, o expediente que o Sr. prelado usou ao colocar tudo no âmbito da mentira, é muito mais fácil do que empreender uma pesquisa séria em busca das fontes. Quem conhece qualquer uma de suas obras sabe que esse eclesiástico é useiro e vezeiro no emprego da palavra fraude; por esse motivo trazemos aqui esta frase do fundador da Psicologia Analítica: "Não vou me comprometer com a estupidez em voga de considerar tudo o que não posso explicar como uma fraude" (JUNG).

Por outro lado, temos que é bem verdadeiro isso que lemos alhures: "Não basta em definitivo, para produzir a convicção, que um fato esteja logicamente e experimentalmente provado: é preciso que lhe tomemos, por assim dizer, o hábito intelectual. Se ele vai de encontro à nossa rotina, é repellido e desdenhado". (OCHOROWIEZ)

Na sua obra *Tratado de Metapsíquica*, Richet, apesar de tecer considerações contrárias ao Espiritismo, foi redundante em relação às pesquisas de William Crookes (1832-1919), renomado químico e físico inglês, que, embora se encontre quem negue, provou a realidade do espírito:

[...] "*Não digo que isto é possível, afirmava ele [Crookes], porém que isto é verdade*".

Mas o respeito pelas ideias tradicionais era já cousa de idolatria, a ponto tal que ninguém se dava ao trabalho nem de estudar nem de refutar. Contentava-se com o rir, e confesso que, por vergonha minha, estava eu também entre os cegos voluntários. Sim! Eu ria, em vez de admirar o heroísmo do grande sábio que ousava apregoar, em 1872, que há fantasmas, que se pode ouvir o bater de seu coração, bem como de tirar-lhes fotografias. Mas essa coragem foi sem grandes consequências imediatas. Devia produzir os seus frutos mais tarde. É hoje somente que se pode compreender bem Crookes, cujas experiências são, ainda agora, a base de toda a metapsíquica objetiva. Foi feita com granito, nenhuma crítica pode abalá-la. Nos últimos dias de sua gloriosa e laboriosa vida, dizia Crookes ainda que nada tinha que retratar com relação ao que outrora havia afirmado.

[...]

Da mesma maneira, seguramente, quando em 1872 Crookes demonstrou a realidade dos fantasmas, nada mais fez do que aquilo que os espíritas pouco mais ou menos já o tinha feito. Mas o que era novo era a aplicação rigorosa da ciência experimental à dos fenômenos incompletamente estudados, imperfeitamente demonstrados, os quais, justamente por causa dessas análises incompletas e imperfeitas, estavam fora de cogitação da ciência. (RICHET, vol. I, s/d, p. 56-57) (grifo nosso).

E quando Richet se despedia de suas atividades docentes, na Faculdade de Medicina de Paris, em 24 de junho de 1925, reafirmou:

Assim, quando Crookes lhes trouxe provas formidáveis, riram-se.

E eu também, ah! Eu ri como os outros. Mas hoje, depois de ter visto o que vi, reconheço, enfim, muito dificilmente, muito laboriosamente, que Crookes tinha razão, e bato nos peitos, dizendo: *Pater peccavi*. (MAGALHÃES, 2007, p. 259-260). (grifo nosso).

Qualquer dúvida poderá ser sanada verificando a revista *Presse Médicale*, que, no dia seguinte, a publicou (MAGALHÃES, 2007, p. 234).

Magalhães, também, cita de Richet a seguinte frase: "Todavia, é timidamente que a combato (a explicação espírita), pois não posso ainda opor-lhe uma teoria antagonista bem satisfatória" (MAGALHÃES, 2007, p. 162); sua fonte foi a obra *Traité de Métapsychique*, onde se lê: "Toutefois c'est timidement que je la combats, car je ne peux guère lui opposer une théorie antagoniste bien satisfaisante". (RICHET, 1922, p. 770). Isto derruba, e sem dó alguma, diga-se de passagem, o argumento de que "tal afirmação não tem a mínima base nos livros de Richet" (QUEVEDO, 1993, p. 209) a respeito da interpretação espírita para alguns fenômenos psíquicos.

Busquemos mais informações, agora com o próprio Richet em sua obra *A Grande Esperança*, publicada em 1933; portanto, onze anos após o *Tratado de Metapsíquica*:

O inabitual

Para nos assegurarmos de que há fatos anormais, maravilhosos sob o ponto de vista da ciência atual, invocarei em primeiro lugar o *argumento de autoridade*. Em favor da nova ciência, há de um lado certos sábios e do outro certo público.

Em primeiro lugar falarei dos sábios.

É fácil dizer que se enganaram e que foram enganados. É uma objeção que está à altura do primeiro sabichão que aparece. Quando o grande William Crookes relata ter visto, em seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de se mover, de respirar ao lado de sua médium, Florence Cook, o dito sabichão, pode erguer os ombros e dizer: "*É impossível. O bom senso faz afirmar que Crookes foi vítima de uma ilusão, Crookes é um imbecil.*" Mas esse pobre sabichão não descobriu nem a matéria radiante, nem o tálio, nem as ampolas que transmitem a luz elétrica. E assim, minha escolha está feita. Se o sabichão disser que Crookes é um farsante ou um louco, serei eu quem sacudirá os ombros. E pouco importa que rebocados pelo sabichão, uma multidão de jornalistas – que nada viram, nem nada aprofundaram, nem nada estudaram – diga que a opinião de Crookes de nada vale. Não me admirarei.

Se Crookes ainda estivesse só! Mas não! Há uma nobre plêiade de sábios (grandes sábios) que presenciaram esses fenômenos extraordinários. Em lugar de fazer essa simples suposição que eles presenciaram do inabitual, poderei considerá-los cretinos ou mentirosos?

Stainton Moses, um homem de piedade rara, de elevada moralidade, com seu amigo Speer e Senhora Speer, anotaram diariamente, durante dez anos, fenômenos que ele observava consigo próprio. E isso apesar dos riscos que sua audácia o fazia correr.

Os fenômenos produzidos por Eusápia Paladino foram afirmados e confirmados por toda uma série de ilustres experimentadores, por Enrico Morselli, um dos mais sábios psiquiatras da Itália, por Filippo Bottazzi, Foá Herlitzka, professores de Fisiologia nas Universidades italianas, pelo célebre Lombroso, por sir Oliver Lodge, por Ochorowicz, por Fredrich Myers, por Camille Flammarion, por Schrenck-Notzing, por Albert de Rochas. O testemunho de um só desses grandes homens seria suficiente. Então, quando eles se reúnem numa mesma afirmação, irei eu dar ouvidos às críticas infantis que se resumem quase todas nesta pequena frase ingênua: "*Não é possível*"⁵.

E por que não é possível?

Unicamente porque não é habitual.

Na Alemanha, o grande matemático Zöllner presenciou, com Slade, fenômenos realmente estranhos.

5 Cabe aqui esta opinião de J.B. Rhine: "Todavia, 'a ciência não conhece impossíveis' e a teoria tem de conformar-se sempre à evidência. Estes dois princípios são fundamentais para a investigação científica. Sem recorrer-se a eles constantemente, a ciência torna-se dogma" (RHINE, J. 1965, p. 72).

Meu distinto amigo, Doutor Gibier, Diretor do Instituto Pasteur de Nova York, constatou fenômenos semelhantes com a Senhora Salmon.

Geley obteve com Kluski surpreendentes modelagens que toda a habilidade mecânica dos modeladores não poderia reproduzir e que só se explicam pela desmaterialização de formas moldadas.

Quanto aos fenômenos mentais de adivinhação, de leitura de pensamento, de premonição, citarei os nomes de William James, de Sir Oliver Lodge, da Senhora Sidgwick, de Schrenck-Notzing, de Fredrich Myers, de Osty, de Flammarion. No decurso deste livro farei referências de algumas de suas constatações, mas desde já afirmo que a autoridade desses sábios é suficiente para, *a priori*, fazer-nos admitir que eles não se enganaram completamente.

Repito: trata-se de homens versados em ciências experimentais, tendo o espírito constantemente alerta para com a série de todas as fraudes possíveis.

As objeções dos jornalistas de pasquins que negam a realidade dos fatos são da mesma espécie que as objeções feitas à realidade dos meteoritos. O grande Lavoisier ousou dizer: "*Não há pedras que caem do céu, porque no céu não existem pedras.*" Boucher de Perthes chamou a atenção sobre o sílex, que ele dizia ter sido talhado por homens primitivos. Durante dez anos ele foi ridicularizado, como ridicularizaram aqueles que julgavam possível o voo de máquinas mais pesadas que o ar. Denis Papin construiu um barco a vapor. Foram necessários mais de cem anos para que essa invenção fosse adaptada à prática náutica.

As novas verdades, estabelecidas pelos grandes sábios, costumam a ser aceitas pelo público. É necessário muito tempo para que uma descoberta científica seja aceita. Que será então quando se tratar de fatos inabituais? Toda constatação de um fato novo, a princípio, parece inverossímil. Então, quando é inabitual, não podendo ser repetido à vontade, é negado, apesar das provas que se apresentam. Sim! E negado obstinadamente, porque nada é tão fácil quanto uma negativa. (RICHET, 1999, p. 77-79) (grifo nosso).

Um primeiro fato é evidente; é que todas as vezes que um sábio assentiu em estudar de maneira aprofundada esses fenômenos, chamados outrora ocultos, adquiriu a convicção da existência desses fenômenos. Na história da metapsíquica, não conheço somente um caso, *não somente um*, de um observador consciencioso que, após dois anos de estudos, tenha concluído por uma negativa.

Dois anos de estudos não é realmente muito, porque não é suficiente para fazer (com ideias preconcebidas e a intenção determinada de negar) duas ou três experiências prematuras e incompletas.

Portanto, dou uma importância primordial a esta constatação que jamais, até o momento presente, um experimentador perseverante, tendo feito pacientemente uma trintena de experiências (pelo menos) com dois ou três médiuns julgados autênticos por observadores competentes, tenham finalizado por uma negativa.

Uma objeção ridícula frequentemente nos é apresentada. Os negadores, quando consentem com outra coisa que motijos, pretendem que nós, metapsiquistas, empregemos todos os nossos esforços para provar, não que esses fatos existem, *mas que eles não existem*. Nossa constante preocupação é procurar a fraude possível, o erro sistemático. Pensar que *queremos* encontrar fenômenos sobrenaturais ou paranormais, é loucamente absurdo. Não temos mais que uma preocupação: é a de descobrir os embustes. Qualquer que seja o fantasma que se nos apresenta, não temos outro receio que o de ser ludibriado por um indivíduo real, um odioso impostor.

Todos aqueles que publicaram as suas experiências sabiam que por essa publicação comprometiam seu renome científico, expondo-se às zombarias de seus colegas e aos sarcasmos do povo. Não é, pois, com satisfação que se entra nessa batalha, onde não há mais que golpes a receber. É porque nos limitamos à honra de defender a verdade, por mais arriscada que ela possa ser.

Não imaginam as angústias interiores por que passa um sábio assim que se lhe apresenta um fenômeno extraordinário, anormal, cruelmente inverossímil, que parece estar em contradição evidente com tudo quanto ele conhece, com tudo que seus mestres lhe ensinaram, com tudo que ele próprio ensinou. Poderá um jornalista adivinhar o que pensa um fisiologista quando presencia

(como eu presenciei), uma expansão sair do corpo do médium, prolongar-se formando duas pernas estranhas que se fixam no solo, emitindo depois mais alguns prolongamentos que tomam aos poucos a forma de mão, da qual se distinguem vagamente os ossos, sentindo a sua pressão nos joelhos. É necessário coragem para crer nisso! E é necessário muito mais coragem para relatar.

Pensais por exemplo que Crookes, Oliver Lodge, Schrenck-Notzing, de Rochas, Flammarion, Lombroso ignoravam que seriam *olhados com desprezo* por ousarem dizer que o inverossímil e o absurdo são muitas vezes verdadeiros?

Se tivemos a audácia de falar é porque estávamos absolutamente certos de nossa experimentação, muito mais certos que inúmeros sábios estão frequentemente quando sustentam um fato verdadeiro, mas novo.

Vitam impendere vero. Essa é a nossa divisa. (RICHET, 1999, p. 79-80) (grifo nosso).

Ora compreendo que se hesite entre essas duas hipóteses.

Demais, ambas nos conduzem ao incompreensível. Mas, de minha parte, prefiro supor uma lucidez, como há pouco vimos em tantos exemplos; nada mais ser que a intervenção de um espírito.

Já falamos dos conhecimentos que a inteligência pode possuir a respeito das coisas exteriores, quando os sentidos normais nada lhe podem fazer saber. Nos exemplos apresentados vimos que a hipótese de espírito, isto é, de uma personagem nova, era completamente inadmissível. Aqui, ao contrário, podemos encarar, certamente não como provável, mas com todo rigor possível, a intervenção de um *espírito* que se materializa, dando-se a conhecer ao percipiente. (RICHET, 1999, p. 121) (grifo nosso).

Na verdade, essas objeções, por mais fortes, não resistem a certos fatos. Quando é considerada a volta de Georges Pelham e que, pela voz da Senhora Piper, ele conversa durante muitos meses com uma vintena de antigos conhecidos, absolutamente como se Georges Pelham estivesse presente, só há explicações rebuscadas para dar a esses fatos uma outra interpretação que a sobrevivência de Pelham.

Dos dois lados só há, sob o ponto de vista de nossa miserável ciência contemporânea, o inverossímil e o absurdo. (RICHET, 1999, p. 130) (grifo nosso).

Os fantasmas

Vimos nos capítulos precedentes:

1°) que às vezes há fantasmas divisados por inúmeras pessoas (em condições não experimentais) o que exclui quase completamente a hipótese da alucinação;

2°) que frequentemente, em condições experimentais determinadas, há fenômenos de telergia, de telecinesia, formação de ectoplasmas, expansões materiais, podendo ser fotografadas ou agindo sobre raios infravermelhos.

Veremos que esses ectoplasmas podem tomar as aparências, quase as realidades de seres vivos que parecem independentes do médium do qual eles emanam e aos quais eles não estão mais ligados. Salvo sua origem e seu desaparecimento, serão eles realmente viventes(??).

Eu poderia citar *numerosíssimos casos*, mas fiel ao plano deste livro, contentar-me-ei com indicar somente alguns, retornando ao meu *Tratado de Metapsíquica*, aos trabalhos de Flammarion, de Gabriel Delanne, de Bozzano e de Sudre.

I – São, em primeiro lugar (e sempre), as admiráveis experiências de Crookes que devemos relatar. Ele viu, tocou, fotografou Katie King que tinha todas as aparências de uma pessoa real. Ele estava sozinho com a Srta. Florence Cook em seu laboratório e pôde observar Katie King ao mesmo tempo em que Florence Cook. Pôde até ouvir as pulsações do coração de Katie. Nada mais comovente que a despedida da misteriosa e fantasmagórica Katie King. Ela anuncia que é forçada a partir e, dirigindo-se à sua médium Florence Cook, que jazia inanimada no assoalho, desperta-a dizendo-lhe: “Acorde, Florence, agora preciso deixá-la”. Florence despertou e, entre lágrimas, suplicou a Katie para ficar, mas foi em vão. Katie, com seu vestido branco, desapareceu. Sir William Crookes aproximou-se então de Florence, prestes a desfalecer, e Katie

desapareceu qual uma fumaça. Nunca mais voltou.

Nada satisfaria mais que essa experiência, feita por um homem como Crookes. Sudre diz com razão: “Em um Congresso científico, 24 anos depois, o grande sábio, no apogeu de sua glória, declarou solenemente que nada havia para retratar. Não se pode distinguir o Crookes do tálio e dos raios catódicos, do Crookes de Katie King.”

II – Meu amigo, o doutor Gibier, sábio eminente, Diretor do Instituto Pasteur de Nova York, operando com um médium notável, a Senhora Salmon, fecha-a em uma gaiola de ferro da qual só ele tem a chave. Vê então sair da gaiola uma mulher esbelta que parece viva. Ela parece 25 anos mais jovem que a Senhora Salmon. Depois, chegam a pequena Mandy, que tem apenas um metro de altura, um homem alto do qual Gibier pôde apertar a mão máscula, vigorosa e musculosa. Todas essas personagens permaneciam no tablado somente alguns segundos e pareciam apressadas por sua vez.

III – Com o poderoso médium polonês Kluski, que infelizmente consente com relutância a fazer experiências, Geley, no laboratório do Instituto Metapsíquico de Paris, tendo-o despido completamente, vê surgir diferentes formas vivas: uma velha desdentada e enrugada, um oficial polonês de uniforme e quepe, um oficial alemão igualmente de uniforme com capacete de ponta.

Geley contou-me a história seguinte: Em Varsóvia, estando sentado entre Kluski e um seu amigo, oficial polonês, este lhe diz: “Eu só acreditarei nos fantasmas após ter visto uma centena deles.” Então, quase no mesmo instante, um grande vento abriu a janela e apagou uma das luzes. Depois, sucessivamente, diante do sofá passou um desfile interminável de formas diferentes, mulheres, crianças, velhos, soldados, padres. Havia do que tremer, e a assistência (três pessoas) tremia realmente(1).

IV – Tive ocasião de observar, em condições de controle irrepreensível(2), um fantasma que era produzido por Marthe Béraud, na residência do General Noel, brilhante aluno da Escola Politécnica e Comandante de Artilharia em Argélia. Esse fantasma, que dava o nome ridículo de Bien Boa, pôde, soprando em um tubo onde se continha água de barita, fazer a água da barita embranquecer, como se a tivesse excretado de ácido carbônico, à maneira de um ser vivo. O fantasma achava-se de pé diante de Marthe que estava sentada. Fotografias estereoscópicas demonstrativas foram tiradas. Delanne, os assistentes e eu mesmo vimos claramente o fantasma separado de Marthe.

Outra vez, em outra experiência, nós todos vimos sair do chão um vapor branco que pouco a pouco se condensou, tomando a forma de um indivíduo vivo, um homem de pequena estatura, vestido com um cafetan. Depois de dar alguns passos titubeantes diante de nós, bem perto de todos, *a menos de um metro*, desapareceu, abatendo-se sobre o solo com ruído de clac clac, como se fossem ossos que tombavam. A impressão foi tão clara que desconfeiei de um alçapão.

Mas não havia alçapão algum.

Para que multiplicar as narrações de aparições de fantasmas? Que há fantasmas, isso é tão certo como se eu dissesse há estrelas.

(1) Não me recordo exatamente se Geley, que me relatou essa observação, a testemunhou ou se ela lhe foi contada pelo amigo de Kluski.

(2) Apesar do desmentido de um cocheiro árabe, ladrão, que o general teve de despedir.

(RICHET, 1999, p. 152-154) (grifo nosso).

[...] Para muitos desses fatos, senão para todos, eu poderia estabelecer uma discussão aprofundada, a fim de mostrar que eles desafiam toda contestação; mas, assim, eu teria aumentado enormemente este livro. Portanto, achei melhor aceitar o testemunho humano, quando essas testemunhas são pessoas como a Senhora Verall, a Senhora Sidgwick, sir William Crookes, Gibier, Lombroso, William James, Fredrich Myers, sir William Barret, sir Oliver Lodge, Geley, o Coronel de Rochas, etc., etc.

Contentar-me-ei com duas observações fundamentais. Os que relataram esses fenômenos só o fizeram com relutância porque foi *contra a vontade* que os consideraram autênticos, consentindo publicá-los, com risco de se perderem e de comprometerem a sua reputação de sábio.

Pensam que pude admitir, sem um enorme desgosto íntimo, que um *fantasma*, soprando na água de barita, pudesse produzir um precipitado de carbonato de bário? Pensam que Crookes não se tenha dado conta do absurdo

de ver um lápis, em plena luz, erguer-se sozinho para escrever e uma lata aproximar-se desse lápis para auxiliá-lo? Não teria ele certamente suposto que o chamariam de louco?

Por conseguinte, repilo com toda indignação que ainda conservo, essa estranha censura de que *nós quisemos* ver fenômenos extraordinários. NÃO! Não! e Não! *Não quisemos ver*.

Às vezes me dizem: "*Não se sentiu apavorado ao presenciar esses fenômenos estranhos?*" Sim, confesso, mas pavor de ser enganado. Foi esse meu único e constante pavor. A mim mesmo eu dizia sem cessar: "Contanto que eu não esteja sendo vítima de uma velhacaria! Contanto que não haja cúmplices!" E assim, pois, não havia lugar para outros temores.

E estou certo, por me terem feito suas confidências, de que assim pensavam William James, Oliver Lodge, Myers, Morselli, Schrenck-Notzing e Bottazzi. Eles só temiam uma coisa: serem ludibriados por impostores.

Farei também uma outra observação que me parece importante – e sinto-me feliz por ter a esse respeito a mesma opinião de meu ilustre amigo Bergson. Não há estatística que resista. Um único fato bem observado, religiosamente constatado, em condições irrepreensíveis, é suficiente para estabelecer por si só a telecinesia, o sexto sentido, a premonição ou a realidade de um fantasma. Neste último livro – digo último porque é provável que eu não escreva outro – acumulei fatos como nos meus trabalhos precedentes. Indiquei somente alguns casos que me pareceram um pouco mais importantes que os outros.

[...]

Há fortes razões para assim pensar, porque durante anos e anos, milhares e milhares de homens só vivem no *habitual*. O habitual envolve-nos, encerra-nos num mundo muito coerente onde tudo parece explicar-se por leis mecânicas e psicológicas, leis que a ciência estuda com frutuosa obstinação, sem procurar aprofundar o *inabitual*. A força de assim viver nesse mundo coerente, lógico, inflexível, que nos circunda com a sua rede estreita, nós nos recusamos a aceitar o *inabitual*.

E contudo, o *inabitual* existe. Acabei de dar aqui múltiplos exemplos.

E por que ele não existiria?

Se estivesse em contradição com os fatos científicos, devidamente constatados, podia-se pô-lo em dúvida e mesmo negá-lo; mas o *inabitual* não está em contradição com a ciência clássica; ele nada transtorna.

Eis que de súbito aparece um fantasma do qual a fotografia reproduz as formas. Podemos tocar esse fantasma, sentir sua mão, apalpar seus cabelos. Pois bem! Isso não me fará dizer que a Fisiologia não é uma ciência precisa; a Fisiologia do habitual em nada mudará a Fisiologia do *inabitual*, ela lhe acrescenta algo e nada lhe rouba. A estricnina continuará a causar convulsões, o quociente respiratório terá o mesmo número. Que a nossa inteligência receba vibrações desconhecidas, isso em nada modifica as leis de percepção sensorial. A lei de Fechner permanece inatingível.

As verdades da Metapsíquica não transtornam as leis que a ciência instituiu. Elas introduzem na ciência um novo capítulo, o do *inabitual*. Eis tudo.

[...]

O quanto seria difícil aceitar fatos novos que contradizem os fatos comuns e o quanto é mister admitir, se tivermos provas formais, os fatos novos que nada contradizem.

Nas ciências que não são matemáticas só há uma prova de valor, que é a prova experimental, isto é, a observação, pois a prova experimental não passa de uma observação, segundo a forte expressão de Claude Bernard. Em geral, a observação, quer seja espontânea, quer seja provocada, é a base de toda ciência, e não é um verdadeiro sábio aquele que não se curva perante o poder dos fatos. Não há nem autoridade, nem teoria, nem ensinamento clássico, nem opinião do público que possa ser levada em conta. Ossowietzky diz que neste envelope fechado há um verso de Rostand; ora, ele só o pode saber por uma sensibilidade paranormal. Portanto, não emprego teoria dizendo que essa sensibilidade paranormal existe, pois nada mais faço que exprimir um fato indiscutível que deveria forçar o vulgo e os sábios a inclinar-se. É *inabitual*, é inverossímil, seja, mas é verdade e direi como o grande

Crookes: "*Não digo que é possível, digo que é*".

[...]

Um outro obstáculo à difusão de nossas ideias é que elas encontram por toda parte críticas acerbas, hostilidade dos incompetentes e ignorantes e, algumas vezes – o que é mais grave – a indignação dos sábios judiciosos e experimentados. Somos então vencidos por essa incredulidade universal. Que responder aos que sacodem os ombros dizendo: "*são histórias boas para serem contadas às crianças*". É quase o mesmo absurdo se disser a um geólogo: "*Faça cair meteorito em meu jardim que acreditarei na existência deles*".

Eis por que me parece inútil responder aos que não reconhecem a observação e a experiência como soberanas de suas convicções. E da mesma forma repetirei a frase de Crookes e a de Oliver Lodge: "*Negar os fatos é diminuir-se*". (RICHET, 1999, p. 160-164). (grifo nosso).

A explicação espírita é muito simples. Quase se poderia dizer que ela se impõe por sua simplicidade.

Georges Pelham morreu, mas a sua consciência não desapareceu. Seu *eu* persiste, sua memória sobrevive e invadiu o pensamento da Senhora Piper de tal maneira que, falando por sua boca ou escrevendo pela mão da Senhora Piper, Georges Pelham reaparece inteiramente, psicologicamente, tendo conservado a lembrança do que ele disse, fez, viu e ouviu durante sua vida terrestre. Não hesito em dizer que essa explicação é a mais simples e que todas as outras se apagam a seu lado; mas, quantas objeções formidáveis e, no meu parecer, decisivas podem ser feitas na hipótese dessa sobrevivência.

1° – É mister supor que a memória sobrevive à destruição do cérebro. Ora, alguns dias após a morte, o cérebro é reduzido a uma papa infecta e ao cabo de um ano ou dois, nada mais resta. Entretanto, ensinamos que a memória é função do cérebro. Se o sangue oxigenado cessa de passar pelo cérebro, mesmo durante um meio minuto, não há mais memória. Com duas gotas de clorofórmio no sangue, a memória é abolida. Um choque na cabeça faz desaparecer toda consciência.

Sei que a objeção não é definitiva, pois o paralelismo absoluto, constante, irresistível, entre o pensar e a função do cérebro, não é de uma evidência indiscutível.

2° – Quando um médium encarna um indivíduo morto, aos 90 anos por exemplo, cuja memória sobrevive, qual o desencarnado que volta? Será a criança, o adulto ou o ancião que voltou à infância?

3° – Se as personagens que viveram voltam, como explicar que certos médiuns encarnem personagens certamente imaginárias, como por exemplo o extraordinário Phinuit, o médico francês de Metz que não sabia mais nenhuma palavra de francês por ter tratado de muitos ingleses em Metz. Ora, na Senhora Piper, Phinuit tinha tanta lucidez quanto Georges Pelham.

Para falar a verdade, essa última objeção parece muito mais grave. Porque os grandes médiuns (Stanislawa, Tomczyk, Reese, Kahn, Ossowietzky) possuem uma formidável lucidez que se exerce sem que lhes seja necessária a intervenção de uma personagem defunta encarnada no médium.

Mas, esta discussão seria bem injusta se eu não introduzisse alguns dados que fariam propender em favor da doutrina espírita.

Eis, por exemplo, a xenoglossia, da qual possuímos belos casos, raríssimos, particularmente o caso antigo, mas o melhor talvez, o do juiz Edmonds, que foi Presidente do Senado Americano. Sua filha escrevia em diversas línguas que desconhecia. A Senhora Piper, ignorando o grego, compreendia-o quando era Georges Pelham. Encontrar-se-ão curiosos detalhes sobre xenoglossia no livro de Sudre (p. 145) e num memorial recente de Bozzano, *La Ricerca Psicica*, 1932, Cassina.

Há também o que Bozzano chama de literatura de além-túmulo. Um mecânico aprendiz recebe do espírito de Dickens, por escrita automática, ordem de terminar a sua obra interrompida – *The mystery of Edwin Rood*. Esse mecânico então escreve um romance do qual é quase impossível negar a autoria de Dickens, tão idênticos são seu estilo e origem.

Mas, entretanto, é preciso desconfiar dessas adaptações da inteligência. A famosa Helena Smith (Elise Müller) encarnou sucessivamente, com um prodigioso poder imaginativo: Maria Antonieta, Cagliostro, um príncipe indiano

e uma personagem do planeta Marte. Ela escreveu um poema em linguagem marciana, mas Flournoy demonstrou, em um livro admirável, que nisso nada havia de sobrenatural, sendo simplesmente o resultado de uma inteligência maravilhosa exclusivamente humana.

Que Helena Smith componha uma linguagem marciana, é feitiçaria! Só mudarei de opinião se um documento idêntico nos chegar do planeta Marte a fim de confirmar as fantasias de Helena.

Além disso, devemos nutrir alguma dúvida sobre a autenticidade da linguagem sânscrita que seu príncipe indiano fala, porque esse sânscrito é cheio de erros e porque existia, numa casa que Helena frequentava, um livro de sânscrito.

Os outros fatos de xenoglossia são muito sérios. Que o médium fale muitas línguas e línguas que, sendo vivas, ele não conhece, é verdadeiramente maravilhoso. Decididamente a explicação espírita é a mais aceitável!

Fazendo a síntese de todos os usos invocados pelos espíritas para defender seu dogma, pode-se unicamente dizer isto: que num número notável de casos a hipótese espírita é a mais simples, isto é, melhor.

Mas eis tudo.

Demais, ela não é em absoluto suficiente para explicar todos os casos.

As outras hipóteses, que não pressupõem as enormes dificuldades da teoria espírita, me parecem mais admissíveis, conquanto sempre estranhas. Basta supor em certos médiuns uma lucidez extraordinária, inverossímil, eu o reconheço.

Em suma, após a análise dos fenômenos puramente psicológicos, se fosse preciso escolher entre as duas hipóteses: 1° – o espiritismo, isto é, a persistência da memória após a morte terrestre e a encarnação dessa memória em um médium, ou, 2° – uma prodigiosa lucidez, como se a inteligência humana fosse muito mais longe do que posso supor, eu penderia por essa segunda hipótese.

É bom notar que essa segunda hipótese é suficiente *para explicar todos os casos*, enquanto que a hipótese espírita, a melhor em um pequeno número de casos, é inadmissível em muitos outros. (RICHIT, 1999, p. 171-173). (grifo nosso).

Entretanto, no decurso deste livro, muitas vezes eu me revoltei contra as habituais teorias espíritas. Mas essa revolta está justificada pelo antropomorfismo pueril de alguns espíritas.

Outrora os egípcios, crendo na sobrevivência, envolviam os grandes mortos em faixas, esperando assim lhes preservar os corpos de uma hedionda putrefação. Então, junto à múmia embalsamada, enrolada em faixas perfumadas, eles colocavam joias, pastelarias, pinturas e jogos, para que o morto, ao despertar com seu corpo quase intacto, pudesse comer, beber e divertir-se.

Ainda encontramos entre muitos selvagens, meio civilizados, como por exemplo, entre os Melgaches, essas mesquinhas ideias de sobrevivência. Quem sabe se os civilizados, adeptos de certas religiões que professam a imortalidade da alma, não nutrem infantilidades análogas, cornetas sagradas soando através do vale de Josafá e fazendo os mortos sair do túmulo para que prossigam eternamente suas existências num inferno inflamável ou num paraíso azul onde entoarão cânticos.

Esse antropomorfismo elementar é um pouco o dos espíritas; eles creem na sobrevivência, imaginam, como o professava Pitágoras, que, quando se morre, desencarnamos para tornar a passar a um outro corpo humano. Portanto, os desencarnados, isto é, os mortos, revivem pela reencarnação. Antes de se reencarnar, eles, aliás, não passam de pobres figurões, removendo sofás, fazendo as mesas virarem, pregando ideias infantis, ricos em conversações verbosas, ora cômicas, ora libidinosas. Parece até que, se crermos no ingênuo Conan Doyle, eles comem como os humanos dos quais conservaram as formas materiais e os apetites gastronômicos (?).

É esse Espiritismo que acho bem medíocre e digo claramente, conquanto eu admire muitos espíritas por sua coragem e boa fé. É verdade que certos espíritas não caíram nesse Espiritismo grosseiro.

Da mesma forma devo declarar que não refuto em absoluto o que os

espíritas afirmam. A esse respeito vou-me explicar com toda a franqueza.

Em primeiro lugar, quanto aos fatos – como o constataram, se tiveram a paciência de ler este livro – há muitos fenômenos *absurdos*, porém, incontestáveis e, conquanto a ciência oficial ainda não os receba em seu seio zeloso, não há dúvida que daqui a alguns anos dará lugar ao inabitual, criptestesias, telepatias, lucidez, alucinações verídicas, assombrações, telecinesias, fantasmas materializados, xenoglossias, premonições. Tudo isso está bem autenticado e deve-se reconhecer que o inabitual existe. (RICHET, 1999, p. 178-179) (grifo nosso).

A grande esperança para mim, ei-la:

Ela não está nem nos poderes sobre-humanos cada vez mais numerosos e intensos dos indivíduos, nem na persistência da vida dos desencarnados, reencarnando-se em mortais ordinários. Ela se encontra nessa *imensa incerteza*, que deve invadir-nos quando pensamos nos fenômenos extraordinários, verdadeiramente absurdos da Metapsíquica.

Quanto mais reflito, tanto mais revoco essas materializações, essas assombrações, essa lucidez maravilhosa, esses transportes, essas xenoglossias, essas aparições de fantasmas e principalmente essas premonições, persuadindo-me cada vez mais de que nada sabemos, absolutamente nada do universo que nos cerca. Vivemos numa espécie de sonho e nada compreendemos realmente das agitações e dos tumultos desse sonho. Frequentemente tudo se passa como se nadássemos no inabitual.

Esse inabitual que às vezes é de uma realidade espantosa, permite-nos conceber grandes esperanças. O espaço e o tempo talvez nada mais sejam que formas defeituosas de nosso intelecto; sem dúvida despertaremos munidos de alguns fragmentos de recordações e veremos realidades surpreendentes bem superiores às pobres concepções de um mundo espírita tristemente calcado sobre o nosso mundo material.

Tudo, no Cosmos imenso, não passa de vibrações do éter. Segundo a rapidez dessas vibrações se produz este ou aquele fenômeno: luz, eletricidade, atração, calor, *matéria*. Provavelmente a nossa vida, a nossa consciência não passa de uma vibração análoga. Ora, as vibrações não desaparecem. *Os mares ainda estão agitados pelo sulco das naus de Cleópatra...* Nossa consciência, essa vibração misteriosa do éter, então não desaparecerá?

Só conhecemos um mundo com três dimensões. Conheceremos talvez uma quarta, até uma quinta.

Essas considerações são bem vaporosas. Estou farto de o saber. Mas, em presença dos fatos extraordinários que se comprimem em redor de nós e que observamos logo que nos damos ao trabalho de os olhar, é preferível fugir por alguns instantes do nosso restrito mundo material, a procurar explicações tortuosas, certamente falsas, para os fenômenos que são absolutamente possíveis de compreender.

Embora essa incursão nas nuvens, embora essa grande esperança que brilha diante de nós qual uma estrela radiosa, não se deve perder pé nem abandonar o terreno sagrado da ciência experimental. Se quisermos que essa esperança se transforme em realidade, devemos observar e experimentar, experimentar e observar. Talvez, então, acabemos encontrando os elos que ligarão uns aos outros os fatos múltiplos, incoerentes, esparsos, que despertam o nosso estupor.

Os progressos que fizemos no desconhecido (somente desde há oitenta anos) são tais que eles nos autorizam a tudo esperar.

E principalmente, pois a vida é qual um sonho e os fatos estranhos nos dão o direito de esperar dias melhores, podendo, pois, contar verdadeiramente com a benévola colaboração (!) das forças misteriosas que palpitam em volta de nós (?). Portanto, devemos tratar de merecer o nosso futuro e de sermos dignos dessas forças.

Tenhamos contra a ignorância e o ódio, o culto da Verdade, da Justiça e do Amor. Saibamos amar o bem e detestar o mal. (RICHET, 1999, p. 182-184) (grifo nosso).

Diante de tudo aqui exposto os negadores sistemáticos, e aqui podemos, sem favor algum, enquadrar o Sr. Quevedo, ainda terão coragem (ou covardia?) de afirmar que Charles

Richet não acreditava na sobrevivência da alma? Por nossa vez, a nossa “grande esperança” é que a razão e a lógica, deliberadamente juntas, vençam, ou melhor, convençam tanto os ortodoxos dogmáticos quanto os negadores sistemáticos.

Samuel Nunes Magalhães ainda traz uma outra informação, pela qual se pode confirmar a crença de Richet na sobrevivência da alma:

Por ocasião da edição de sua obra intitulada *A vida no outro mundo*, Cairbar enviou um exemplar para Richet que, agradecendo-lhe a deferência, endereçou-lhe a seguinte missiva (98):

"Merci, cher Monsieur, de votre livre. Comme vous avez raison d'étudier le mystère de la mort et de la Metapsychique. Mors janua vitae".

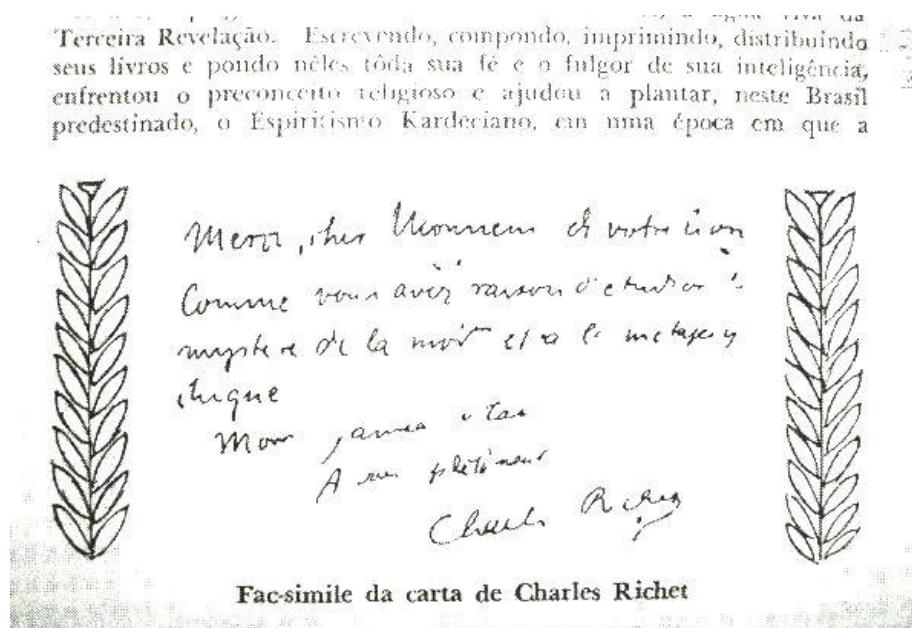
Obrigado, caro senhor, de vosso livro. Como vós tendes razão de estudar o mistério da morte e da Metapsíquica. *A morte é a porta da vida.*

Nesse pequeno bilhete o grande sábio não só agradece a gentileza de que foi alvo, mas também registra a sua íntima convicção na sobrevivência da alma, ao afirmar que a morte é a porta da vida.

(98) *Revista Internacional do Espiritismo*, Matão, São Paulo, 15 de dezembro de 1940 e *Anuário Espírita*, 1965, Instituto de Difusão Espírita.

(MAGALHÃES, 2007, p. 188-189). (grifo nosso)

E para que não pare dúvida, quanto ao acima colocado, eis a comprovação do fato mencionado:



Sabemos, que a Metapsíquica foi a precursora da Parapsicologia, que tem em Joseph Banks Rhine (1895-1980) o seu fundador. J. B. Rhine, como é mais conhecido, foi professor catedrático de filosofia e psicologia da Duke University (Carolina do Norte, EUA), onde fundou um laboratório de Parapsicologia, é o mais renomado pesquisador dos fenômenos parapsíquicos. De sua obra intitulada *Novas fronteiras da mente*, transcrevemos:

O que, até então, descobrimos nas pesquisas atinentes à percepção extrassensória seria, pelo menos, favorável à possibilidade da sobrevivência do indivíduo depois da morte, isto é, tal sobrevivência importaria, naturalmente, numa existência sem os órgãos dos sentidos, sem sistema nervoso e sem cérebro. [...] (RHINE, J. 1973, p. 176) (grifo nosso).

Carlos Friedrich Loeffler aborda o pensamento de Rhine na obra *Fundamentação da Ciência Espírita*, da qual transcrevemos:

No que tange à questão da sobrevivência no seio da parapsicologia, é interessante examinar o pensamento de J. B. Rhine, seu idealizador e maior expoente. O estudo de sua obra permite destacar que esse grande estudioso nunca repudiou a possibilidade da ação de agentes inteligentes externos, mais especificamente, a influência dos desencarnados na produção dos fenômenos. Embora por demais prudente, o comportamento do brilhante criador da parapsicologia é bem diferente de muitos de seus pretensos seguidores, que repelem completamente essa possibilidade, movidos por um ceticismo exacerbado ou, então, por questões religiosas ortodoxas. Em sua obra *Parapsicologia - fronteira científica da mente*, publicado pela editora Hemus, encontra-se:

Mesmo quanto à questão mais fundamental de todas as religiões, há de saber se há uma base válida sobre a realidade espiritual (...) O estabelecimento da psi como capacidade extrafísica pelo menos oferece uma confirmação experimental limitada para essa reivindicação elementar de todas as religiões. (p. 124).

Pode-se conseguir evidência fidedigna de que uma personalidade pode manifestar-se como se existisse ativamente depois da morte de seu corpo? (...) Não há meio conhecido até hoje para testar a hipótese de que a fonte desse conhecimento demonstrado seja desencarnada. (...) O estabelecimento da própria psi naturalmente melhorou, um tanto, a posição da hipótese da sobrevivência do espírito. A possibilidade da sobrevivência de um fator espiritual no Homem parece mais razoável desde o estabelecimento de tal propriedade nos seres racionais vivos. (p. 126-127).

De fato, apesar do reconhecimento de que a sobrevivência é uma hipótese plausível, para qualquer estudioso da ciência espírita, Rhine é excessivamente cauteloso. Ele tenta justificar essa posição indefinida a partir da sua experiência como pesquisador, registrada na passagem seguinte, extraída da mesma obra:

O fato é que a quantidade de informação transmitida nos testes de cartas de PES, pelos pacientes mais notáveis, excederia o conhecimento fornecido em sessões bem controladas, como o médium em transe. (p. 127).

Infelizmente, neste particular, Rhine está equivocado. Por mais espantosos que tenham sido os resultados obtidos por alguns de seus pacientes, Rhine não deu publicidade a nenhum caso cujo sensitivo tivesse aptidões ou realizasse prodígios, tais como foram rigorosamente estudados no período metapsíquico. Nada que pudesse igualar-se às experiências das correspondências cruzadas. Os testes de telepatia e clarividência entre dois agentes encarnados, realizados não somente por Rhine, mas também por muitos outros pesquisadores, revelaram resultados muito interessantes, mas nada que possa se comparar aos casos onde um desses participantes é desencarnado. ((LOEFFLER, 2003, p. 309-310) (grifo nosso).

Em obras posteriores, o criador da parapsicologia parece mais convencido do potencial da hipótese da sobrevivência da alma. Embora nunca enunciasse isso claramente em público, Rhine confessou, em trechos esparsos de sua obra, sua crença na sobrevivência da alma. As passagens seguintes foram retiradas de um livro seu, traduzido para o português sob o título de *O novo mundo do espírito*, pela editora Bestseller:

A investigação da sobrevivência do espírito tomou principalmente a forma do estudo das comunicações pretensamente provenientes do espírito dos mortos, por meio de pessoas conhecidas como médiuns. As comunicações e manifestações correlatas estendem-se por série tão lata de expressões e realizações mentais e físicas, que seria impossível descrevê-las todas aqui (...) (p. 264).

Pode-se descrever melhor o resultado da investigação científica da mediunidade como um empate. Dificilmente alguém seria capaz de afirmar que as investigações de setenta e cinco anos ou mais tiveram o efeito de refutar alegação que o morto pode de um ou outro modo "viver novamente". Por outro lado, ninguém que estuda seriamente o campo de investigação diria ter-se atingido confirmação clara, defensável, científica da hipótese. (p. 265).

A teoria espírita não era a única explicação possível para os resultados. Havia maior necessidade de exame aprofundado das hipóteses contrárias de telepatia, clarividência e precognição, visto como estas também constituíam processos extrassensoriais de adquirir conhecimento como aquele em que implicava o médium, tendo melhor fundamento para prova do que os próprios estudos mediúnicos. (p. 266).

A questão da sobrevivência ainda não recebeu resposta aceitável como cientificamente idônea. E qualquer conclusão, a favor ou contra, que se baseie nas provas atuais implicará grande elemento de crença não-crítica. (p. 267).

Existe, pelo menos na opinião de alguns de nós, bom fundamento para permitir se mantenha de pé a questão da sobrevivência. Esse fundamento nada tem que ver com a mediunidade ou com qualquer culto ou credo, prática ou filosofia. (...) É provável, contudo, que a questão da sobrevivência tenha surgido devido ao material que tenho em mira (...) Da coleção de Duke de mais de três mil experiências espontâneas de psi (que é simplesmente uma dentre muitas em que seria possível realizar tal estudo), escolheram-se uns cem casos capazes de sugerir a atuação e certo órgão espiritual como explicação, mais fortemente do que qualquer outra. (...) O tipo que mais prende a atenção é aquele em que o propósito manifesto por trás do efeito produzido é tão especialmente o de *personalidade falecida*, que não é razoável atribuí-lo à atuação de qualquer outra fonte. Prende ainda mais a atenção quando a manifestação ou expressão do objetivo transmite-se por meio de médium inocente como uma criança ou pessoa inteiramente estranha, que, presumivelmente, seria destituída de qualquer filosofia espiritualista ou qualquer outra motivação ostensiva ulterior. (p. 269-270).

Tudo quanto se descobriu mostrando que existe algo no Homem gozando de propriedades inteiramente diferentes das do corpo físico é fundamental para a hipótese da sobrevivência. (...) A hipótese do espírito parece integrar-se tão inteiramente com todo o programa organizado da parapsicologia, formulado através dos anos, que não há qualquer motivo, ante esse grau de concordância, de torná-lo questão distinta. (p. 274-275).

O fato é que Rhine, juntamente com o auxílio de sua esposa, ao mesmo tempo que realizava seus estudos experimentais, colecionava casos parapsicológicos interessantes, onde a explicação meramente telepática não tinha sustentação científica. Era preciso incluir a ação de um desencarnado como agente. Em diversas partes de sua obra, percebe-se que Rhine incita seus leitores a remeter-lhe casos interessantes de fenômenos paranormais. Isto o municiou de farto material de pesquisa. Curiosamente, essa técnica funciona bem, pois uma iniciativa similar ocorreu no início do século XX, na França, quando Flammarion exortou seus compatriotas a remeter-lhe casos psíquicos incomuns, o que resultou na sua volumosa obra *O desconhecido e os problemas psíquicos*. No caso da exortação promovida por Rhine, esse material veio a compor a maior parte do livro de sua esposa, sra Louisa Rhine, traduzido para o português sob o título de *Os canais ocultos do espírito*. (LOEFFLER, 2003, p. 311-312) (grifo nosso).

Aproveitando a citação, vejamos o que podemos encontrar nessa obra da dra. Luisa Rhine, na qual, felizmente, deixou porta bem aberta para a possibilidade da sobrevivência da alma. Dela transcrevemos o seguinte:

[...] A transferência do pensamento por meios não sensoriais apresentava-se como prova. Se a transferência se iniciasse pelo esforço mental do emitente, o argumento seria particularmente eficaz, porque em alguns dos casos mais impressionantes a pessoa que se comunicava com outra, mandando mensagem ou pensamento de prevenção, não se contava mais entre os vivos. Tais ocorrências implicam não só em aspecto não-materialista da vida, mas sugeriam também a sobrevivência do espírito depois da morte, com a possibilidade de comunicar-se com os vivos. Tal possibilidade prometia vibrar golpe final no materialismo, satisfazendo ao mesmo tempo a grande necessidade da humanidade de conhecer com toda certeza a realidade da vida futura. (RHINE, L., 1996, p. 214) (grifo nosso).

“Algumas experiências de psi renovam repetidamente uma das perguntas mais antigas e relevantes para o homem. Consiste em saber qual o destino da personalidade humana. Viverá depois da morte alguma parte do Homem? Certas experiências de psi sugerem respostas afirmativas. Realmente, a ideia da vida *post mortem* viu-se reforçada pelas ocorrências “psíquicas” que sugerem atuação de pessoas desaparecidas. Atualmente a ideia é mais

comum como parte da religião: a doutrina da imortalidade. (RHINE, L. 1996, p. 233)". (grifo nosso).

É razoável supor que, se existem personalidades desencarnadas capazes de influir sobre os vivos e com eles manter comunicação, assim o farão com certo grau de frequência. É possível que a prova esteja à mão, sendo necessária tão somente abrir os olhos para vê-la. (RHINE, L. 1996, p. 254) (grifo nosso).

À proporção que compreendemos ser o mundo mais vasto do que parece, e que somos mais do que os mortais acorrentados aos sentidos que o estúdio mecanicista da ciência pretende nos convencer de que somos, apreciaremos o universo expandido. Veremos que, se dispomos desse potencial, o universo será maior do que se afigura. Compreenderemos que, pelo menos logicamente, há espaço bastante para continuação da parte da personalidade depois de terem cessado de funcionar os sentidos. [...] (RHINE, L., 1996, p. 258). (grifo nosso).

Nessas transcrições podemos confirmar o pensamento do casal Rhine a favor da sobrevivência da alma, que representam o pensamento da Parapsicologia atual, embora haja um outro segmento dela, que, por razões óbvias, é o preferido do clero católico, que se liga ao francês Robert Amadou (1924-2006), que tem verdadeira ojeriza a essa hipótese.

Agora, sim, podemos analisar esta outra fala do "homem de batina":

Até Richet, sempre claramente contra a interpretação espírita, e que até ridiculariza sarcasticamente tal interpretação dos fenômenos metapsíquicos, consta na maioria das listas inventadas pelos espíritas, de cientistas "pró-espíritismo"! (QUEVEDO, 1993, p. 209) (grifo nosso).

Quanto ao que pensava Richet já fomos suficientemente claros; vamos ao item seguinte que é sobre nas "listas inventadas pelos espíritas" constar o nome de Richet. Muito interessante isso; mas pena que está longe de sermos só nós quem o inclui nas listas. Temos até um Cardeal, ou seja, pessoa do topo da hierarquia católica, dizendo isso; senão, vejamos:

E o mais interessante é o facto de que homens que tiveram nomes ilustres no mundo científico, tais como o professor Camille Flammarion, Frederick Meyers, Sir Oliver Lodge, Sir William Crookes, Charles Richet, professor Lombroso e Sir Arthur Conan Doyle permitem que os seus nomes andem ligados com os dos mais famosos médiuns, e emprestem assim a sua reputação mundial aos estranhos fenômenos do espiritismo. Procedendo desta maneira, estes homens colocam as suas autênticas descobertas mecânicas, físicas ou químicas ao lado de supostas revelações filhas do espiritismo, revelações essas que se supõe dizerem respeito à religião do futuro e ao futuro estado do homem. (LÉPICIER, 1960, p. XIX) (grifo nosso).

Mas não é ótimo?! Aqui temos uma pessoa do mesmo lado do prelado, e um pouco mais acima na hierarquia, colocando Richet na lista de cientistas que pesquisavam os fenômenos do Espiritismo. E vale ressaltar que o Cardeal Alexis Henri Marie Lépiciier, tem uma carta, estampada nas primeiras páginas do seu livro *O Mundo invisível*, com a aprovação de nada menos que o pontífice de sua época: Papa Benedito XV. E para ficar ainda mais interessante, temos que ela foi datada da seguinte forma: "Dada na Basílica de S. Pedro, Roma, aos 30 dias de abril, 1921, sétimo ano do Nosso Pontificado" (LÉPICIER, 1960, p. X). Ora, vejam.... Nesse ano Richet ainda era vivo! O fato dele constar da lista do Cardeal Lépiciier comprova a carta e o que Bozzano disse sobre Richet ter aceito a tese espírita sobre sobrevivência da alma: "*capiche*"?!

E não bastasse isso, o próprio Cardeal Lépiciier confirmou (ou deixou escapar?) a comunicação com os mortos como algo factível da seguinte forma:

Há de verificar-se também que admitimos a realidade objectiva das manifestações espíritas como dimanando realmente, em muitos casos, dos espíritos do outro mundo, e não meramente como resultado duma fraude ou de uma prestidigitação. Parece ter sido moda, ultimamente, reduzir todos os fenômenos espíritas a uma autêntica burla por parte dos médiuns. Embora, de

facto, assim seja na maior parte dos casos, pretender marcar esses fenómenos todos com o labéu da desonestidade é um processo altamente anticientífico, como se mostrará no decorrer da presente obra. (LÉPICIER, 1960, p. XX) (grifo nosso). (acentuação está conforme original).

E, mais à frente, afirma, sem rodeios, que a Igreja Católica não condena isso:

O que a Igreja nelas condena é o abuso e não o recto e legítimo uso, se tal coisa se pode dizer a respeito de algumas delas. A Igreja consente nestas práticas, sempre que elas não envolvam qualquer espécie de pacto com os espíritos do mundo invisível e contanto que o seu fim seja útil e louvável. (LÉPICIER, 1960, p. 189). (grifo nosso).

Voltando ao nosso prelado opositor, vemos que ele investe ainda mais dizendo: “E Bozzano o publicaria numa revista? Nesse caso, que confiança mereceria Bozzano de não ser falsificador, se estaria quebrando o que conhecera de modo absolutamente confidencial? (QUEVEDO, 1993, p. 210).

Ainda bem que Bozzano “quebrou” essa confiança de Richet, pois agora podemos usá-la para provar, aos dogmáticos, que a verdade, sobre as conclusões do Nobel de Medicina e Fisiologia, é que ele acabou por aceitar a interferência dos espíritos em alguns “fenômenos do Espiritismo”. Porém, não supomos que a publicação de algo confidencial depois da morte da pessoa é “falsificar” alguma coisa, pois, no máximo, poder-se-ia dizer, tratar-se de antiético; porém, somente no caso de ainda estar viva essa pessoa. Entretanto, como isso não compromete, em absolutamente nada, a reputação de quem disse, mas, ao contrário, ajuda a restabelecer a verdade, que deve ser do conhecimento de todo mundo, e tendo em vista a posição de quem a proferiu, a sua publicação foi oportuna e, diríamos, até necessária. Diremos, ainda, que isso maior importância tem, porquanto “Os teólogos são muito presumidos da infalibilidade dos seus dogmas, mas desfazem na ciência experimental” (VALLE, 1959, p. 385).

Vejamos o que Magalhães transcreve da revista Reformador, 16 de julho de 1924, p. 255-256, as considerações de Bozzano sobre uma outra carta de Richet:

Conforme eu disse acima, um bilhete que acompanhou a carta transcrita, o professor Richet me autorizou gentilmente a publicá-la na *Luce e Ombra* e de boa mente me prevaleço dessa autorização, pelo conter a dita carta o seguinte período digno de máximo relevo:

“Aceito os fatos, mas creio que a hipótese da sobrevivência *ainda* não está demonstrada. Digo – *ainda*, porque admito perfeitamente que possa vir a sê-lo no futuro”.

Serenas e iluminadas palavras, que encerram uma afirmação incontestável e que aceito plenamente, pronto a subscrevê-la com o professor Richet. Por isso mesmo que luto a favor de uma solução espiritualista para os fenômenos psíquicos, solução a que cheguei pessoalmente, depois de trinta e quatro anos de pesquisas, reconhece perfeitamente que, de um ponto de vista geral, isto é, científico, muito caminho resta por percorrer, antes de tocar-se a meta. [...] (MAGALHAES, 2007, p. 200-201).

Além de afirmar a posição de Richet sobre sua crença na sobrevivência, ainda nos deixa a impressão de que, se a carta anterior foi publicada, certamente, que alguma autorização Bozzano teria recebido de Richet, mesmo que numa época posterior à sua data.

Como os dois, Richet e Bozzano, em suas obras, citavam um ao outro, provando que sempre trocavam ideias sobre os fenômenos psíquicos, fica evidente que Bozzano, mais que qualquer um outro, teria maiores chances de levar Richet a mudar de opinião sobre eles, de forma a aceitar a interferência dos espíritos; tanto é que na sua última obra *A grande esperança*, tal mudança ressalta de suas páginas.

Uma outra fantástica afirmativa do Sr. Quevedo foi esta: “Espírita não pode ser cientista” (QUEVEDO, 1993, p. 7) (grifo nosso), só faltou acrescentar a frase da atriz e humorista recifense Fabiana Karla Simões Barbosa, a gordinha Dra. Lorca, do Zorra Total (TV Globo): “Católico poode!” É puro humor...

Em função dessa “afirmação” surgiu-nos a dúvida: E o cientista, após convencer-se da

existência da interferência dos espíritos, deixa de ser cientista? Se sim, os cientistas também perderão a sua condição de cientista ao converter-se ao catolicismo e ao protestantismo, que também são religiões cristãs?

Se o sr. Quevedo tivesse o devido cuidado de pesquisar mais sobre as manifestações dos espíritos, é quase certo que não cairia no disparate de dizer algo assim: "Os espíritos não podem se manifestar aos espíritas", sendo fato que eles se manifestaram a fiéis católicos ([Os espíritos se manifestam na Igreja Católica](#)); por isso, podem se manifestar aos espíritas, pois não há nada que prove que as leis naturais levem em consideração a crença religiosa de alguém para agir dessa ou daquela maneira.

Aqui terminamos as nossas considerações sobre os pontos principais do tópico "Richet, caluniado!", da obra *Os mortos interferem no mundo? - Palavra de Iahweh*, com as quais esperamos ter demonstrado as inverdades do Sr. Pe. Quevedo, que só vem confirmar o que disse Freud; se não literalmente, pelo menos a ideia: "acabamos transferindo para os outros aquilo que somos". A ele ainda dedicamos estas duas frases: "[...] não é um verdadeiro sábio aquele que não se curva perante o poder dos fatos". (RICHET, 1999, p. 163) e "Se a nossa companhia vos molesta, tende paciência, a viagem dura poucos anos, cova igual espera os nossos ossos, ao término da caminhada". (VALLE, 1959, p. 65).

Acreditamos que a origem da afirmação, de que Kardec teria renegado o Espiritismo, tenha vindo dessa fala do Sr. Quevedo:

... RENEGADA PELO PRÓPRIO KARDEC

Há uns episódios na autobiografia de Home, enormemente embaraçantes para os espíritas:

No mesmo dia da morte de Allan Kardec, na mesma hora, no mesmo minuto, o médium Home recebeu uma mensagem do espírito de Kardec: "Arrependo-me de ter ensinado a Doutrina Espírita". A mensagem foi recebida na presença do Conde Dunraven. (30)

Mais ainda. Home transcreve uma mensagem psicografada pelo médium Morin, considerado por Kardec "um dos seus melhores médiuns".

Na mensagem o espírito de Allan Kardec também se mostra "arrependido da doutrina que difundi em vida", repudia esses ensinamentos e confessa seu "orgulho insensato" por haver anejado (sic) passar por "um semideus, salvador da humanidade", quando na realidade tudo não passava de "egoísmo ridículo".

§§ (Do ponto de vista parapsicológico, não trata-se de mensagens do além. E no caso de Home, sendo "no mesmo dia e momento da morte" de Kardec, isto é, no início da morte aparente, evidentemente não podia se tratar de comunicação de morto, de espírito do além).

§§ Para os espíritas é que a situação é embaraçante. Mensagens recebidas por Home e por Morin. Nada menos! Ou será que os espíritas vão pôr em dúvida a mediunidade ou considerar "médiuns não genuínos" a Home, o maior dos médiuns, "o príncipe dos apóstolos", e a Morin, um dos médiuns preferidos do próprio A. Kardec? Ou será que não consideram o de Allan Kardec um Espírito Superior?

Tanto no caso de Home como no de Morin, poderia ser captação do arrependimento de Kardec ou dos seus últimos assaltos de dúvidas e angústias de consciência, no momento da verdade, sabendo-se às portas do Tribunal de Deus.

(Não há, porém, certeza. Os dois episódios poderiam ser também simples adivinhações da morte de Kardec e projeção da dramatização pelo inconsciente de Home e de Morin, do seu próprio repúdio do Espiritismo. Aí está, em todo caso, a rejeição do Espiritismo por ambos os grandes médiuns).

*** Como sempre, com a mesma falta de lógica com que pretenderam safar-se das retratações das irmãs Fox e do próprio Home perante o Dr. Phillips Davis etc, também aqui os espíritas caluniam Daniel D. Rome de imperícia e mesmo de mentiroso. O mestre brasileiro Hermínio C. Miranda, por exemplo, simplesmente dá por supostos ambos os grandes defeitos. Sem perceber, projeta sobre Home a alienada paixão típica dos espíritas: "Como as nossas paixões são artificiosas e como descobrimos mil modos e meios para satisfazê-las! (...) O próprio Home,

que em exemplos pelo seu livro a fora, recomenda que se acautele o médium com o exame cuidadoso do que dizem os espíritos (...), quando chega, porém, o momento de manifestar um ponto de vista que lhe é próprio, qualquer mensagem é considerada autêntica". Isso a respeito da mensagem escrita pelo próprio Home. E a respeito da psicografia de Morin: "A evidente falsidade da mensagem e sua total discordância com o verdadeiro espírito de Kardec, não impressionam ao médium Home, que não põe em dúvida a sua autenticidade". (31).

§ § O que pretende dizer o mestre espírita com os termos "autêntica" e "autenticidade"?

*** Que não foi mensagem do espírito do morto?

§§ Evidente. Nunca.

*** Que o conteúdo não corresponde ao pensamento de Kardec, moribundo ou durante a morte aparente?

§§ Não tem nenhum argumento para tal negação, e seria negar a capacidade de adivinhação (de comunicação entre espíritos! de vivos!) e a perícia no discernimento de espíritos nada menos que de Home e de Morin.

*** Que foi tudo inventado por Home?

§§ Além de acusação muito grave, doentia na realidade, manifesta a típica falta de lógica espírita: o livro de Home saiu e foi divulgadíssimo sete anos somente após a morte de Kardec, quando vivia a testemunha Conde Dunraven, o próprio Morin, e centenas de parentes e conhecidos. Se fosse mentira de Home, haveria sido logo denunciada.

Os fatos, portanto, como fatos são absolutamente históricos.

Aí fica a força deletéria contra o Espiritismo em qualquer das interpretações possíveis; negar o fato é que não é lícito.

(30) HOME, op. cit., (francês) p. 114.

(31) MIRANDA, Hermínio C.: *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos*, Rio de Janeiro, FEB, 1975, p. 257.

(QUEVEDO, 1993, p. 185-187) (grifo nosso).

Episódios embaraçantes para os espíritas??? Somente por delírio do nosso antagonista nº 1, Quevedo. Aliás, já vimos que ele não se preocupa em pesquisar e por isso acaba espalhando mentiras, fato lamentável levando-se em conta a causa que diz defender: o catolicismo. Certamente não irá gostar, mas temos informações que irão fazer com que prove do seu próprio veneno, uma vez que quem ficará completamente embaraçado é ele mesmo.

Transcrevemos da *Revista Espírita*, o seguinte trecho publicado no *Le Journal de Paris* no dia 03 de abril de 1869; portanto, no quarto dia após o desencarne de Kardec:

Resignados pela fé numa vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, numerosos discípulos tinham vindo dar um último olhar àqueles lábios descoloridos que, ontem ainda, lhes falava a linguagem da Terra. Mas tinham já a consolação de além-túmulo; o Espírito de Allan Kardec tinha vindo lhes dizer como tinha sido o seu desprendimento, quais as suas impressões primeiras, quais de seus predecessores na morte tinham vindo ajudar sua alma a se libertar da matéria. Se "o estilo é o homem", aqueles que conheceram Allan Kardec vivo, não podem senão estar emocionados pela autenticidade desta comunicação espírita. (KARDEC, 2001a, p. 147) (grifo nosso).

Não nos parece que Kardec, recém-desencarnado, tenha renegado alguma coisa. Ainda nessa mesma revista, um pouco mais à frente lemos:

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

A abundância das matérias não nos permitindo publicar atualmente todas as instruções ditadas por ocasião dos funerais do Sr. Allan Kardec, nem mesmo todas aquelas que ele mesmo deu, reunimos, numa só e mesma comunicação, os ensinamentos de um interesse geral, obtidos por intermédio de diferentes médiuns.

(Sociedade de Paris, abril de 1869.)

Como vos agradecer, senhores, pelos vossos bons sentimentos e das verdades eloquentes expressadas sobre meu despojo mortal; disto não duvideis, eu estava presente e profundamente feliz, tocado pela comunhão de pensamentos que nos unia pelo coração e pelo espírito.

Obrigado, meu jovem amigo (Sr. C. Flammarion), obrigado por vos haverdes afirmado como o fizestes; vós vos exprimistes com calor; assumistes uma responsabilidade grave, séria, e esse ato de independência vos será duplamente contado; não tereis nada perdido em dizer o que as vossas convicções e a ciência vos impõem.

Em agindo assim, podeis ser discutido, mas sereis honrado a justo título.

Obrigado a vós todos, caros colegas, meus amigos; obrigado ao jornal *Paris*, que começa um ato de justiça, pelo artigo de um bravo e digno coração.

Obrigado, caro vice-presidente; Srs. Delanne e E. Muller, recebi a expressão de meus sentimentos de viva gratidão, vós todos que apertastes afetuamente, hoje, a mão de minha corajosa companheira.

Como homem, estou muito feliz pelas boas lembranças e pelos testemunhos de simpatia que me prodigalizaes; como espírito, eu vos felicito pelas determinações que tomastes para assegurar o futuro da Doutrina; porque, se o Espiritismo não é minha obra, pelo menos, eu lhe dei tudo o que as forças humanas me permitiram lhe dar. É como colaborador enérgico e convicto, como combatente de todos os instantes, da grande Doutrina deste século que eu a amo, e ficaria infeliz se a visse perecer, se tal coisa fosse possível.

Ouvi, com um sentimento de profunda satisfação, meu amigo, vosso novo e digno presidente vos dizer: "Ajamos de acordo; vamos despertar os que há muito tempo não raciocinam mais; vamos reavivar os que raciocinam! Que não seja Paris, que não seja a França que sejam o teatro de vossa ação; vamos por toda a parte! Vamos dar à Humanidade inteira a mão que lhes faz falta; vamos dar o exemplo da tolerância que ela esquece, da caridade que ela conhece tão pouco!"

Agistes para assegurar a vitalidade da Sociedade; está bem. Tendes o desejo sincero de caminhar com firmeza no sulco traçado, está ainda bem; mas não basta querer hoje, amanhã, depois de amanhã; para ser digno da Doutrina é preciso querer sempre! A vontade, que age por impulsos, não é mais vontade; é o capricho do bem; mas, quando a vontade se exerce com a calma que nada perturba, com a perseverança que nada detém, ela é a verdadeira vontade, inabalável em sua ação, frutífera em seus resultados.

Sede confiantes em vossas forças; elas produzirão grandes efeitos se as empregardes com prudência; sede confiantes na força da ideia que vos reúne, porque ela é indestrutível. Pode-se ativá-la ou retardar-lhe o desenvolvimento, mas detê-la é impossível.

Na fase nova em que entramos, a energia deve substituir a apatia; a calma deve substituir o ímpeto. Sede tolerantes uns para com os outros; agi sobretudo pela caridade, pelo amor, pela afeição. Oh! se conhecesses todo o poder desta alavanca! Foi dela que Arquimedes pôde dizer, que com ela ergueria o mundo! Vós o erguereis, meus amigos, e essa transformação esplêndida, que se efetuará por vós em proveito de todos, *marcará* um dos mais maravilhosos períodos da história da Humanidade.

Coragem, pois, e esperança. A esperança!... Esse facho, que os vossos irmãos infelizes não podem perceber através das trevas do orgulho, da ignorância e do materialismo, não os afasteis ainda mais de seus olhos. Amai-os; fazei com que vos amem, que vos escutem, que vos olhem! Quando eles tiverem visto, ficarão deslumbrados.

Quanto serei feliz então, meus amigos, meus irmãos, ao ver que meus esforços não terão sido inúteis, e que o próprio Deus terá abençoado a nossa obra! Naquele dia, haverá no céu uma grande alegria, uma grande ebriedade! A Humanidade será libertada do jugo terrível das paixões, que aprisionam e pesam sobre ela com um peso esmagador. Não haverá mais, então, sobre a Terra, nem mal, nem sofrimento, nem dor; porque, os verdadeiros males, os sofrimentos reais, as dores cruciais vêm da alma. O resto não é senão o roçar fugitivo de uma sarça sobre uma veste!...

Ao clarão da liberdade e da caridade humanas, todos os homens se reconhecendo, dirão: "Nós somos irmãos" e não terão mais no coração senão um mesmo amor, na boca, senão uma só palavra, nos lábios, senão um único murmúrio: Deus!

ALLAN KARDEC.

(KARDEC, 2001a, p. 157-159) (grifo nosso).

E apenas para reforçar a estultice dita por Home e espalhada por Quevedo, trazemos o testemunho de Léon Denis, que se tornou o sucessor de Kardec na divulgação do Espiritismo. Em sua obra *O gênio céltico e o mundo invisível*, Denis confessa:

“Com efeito, é pelo estímulo do Espírito de Allan Kardec que realizei este trabalho, em que se encontrará uma série de mensagens que ele nos ditou, por incorporação, em condições que excluem toda fraude”. (DENIS, 2001, p. 28) (grifo nosso).

Então, ao se aproximar o Congresso de 1925, foi o grande Iniciador, ele mesmo, que veio nos certificar de seu concurso e nos esclarecer com seus conselhos. Atualmente ainda é ele, Allan Kardec, quem nos anima a publicar este estudo sobre o gênio céltico e a reencarnação, como se poderá verificar pelas mensagens publicadas mais adiante. (DENIS, 2001, p. 259). (grifo nosso).

À página 168, dessa mesma obra, citando uma mensagem de Allan Kardec, datada de 25 de novembro de 1925, quando trata das mensagens do invisíveis, Denis diz:

Publicamos aqui a série de mensagens ditadas, por meio da incorporação mediúnic, pelos grandes e generosos espíritos que quiseram colaborar com a nossa obra. A autenticidade desses documentos reside não somente neles mesmos, pelo fato de ultrapassarem, em muitos pontos, o alcance das inteligências humanas, mas, também, nas provas de identidade que a eles se ligam. Assim é que no curso de nossas conversas com o Espírito Allan Kardec, este entrou em certos detalhes preciosos sobre sua sucessão e as discussões que surgiram, sobre este assunto, entre duas famílias espíritas, com particularidades que o médium não podia, absolutamente, conhecer, pois era somente uma simples criança, filha de pais que ignoravam completamente o Espiritismo. Esses detalhes se apagaram da minha memória e não pude reconstituí-los senão após pesquisas e investigação.

[...]

[...] Além disso, Allan Kardec não se comunica unicamente em Tours, mas também em muitos outros grupos espíritas da França e da Bélgica. Em todos esses lugares, ele se afirma pela autoridade de sua palavra e a prudência de suas observações. (DENIS, p. 277-279) (grifo nosso).

Na sequência, Léon Denis transcreve treze mensagens de Allan Kardec datadas de: 15 de janeiro de 1926 (p. 281-284), 12 de junho de 1926 (p. 285-288), 2 de março de 1926 (p. 288-291), 23 de abril de 1926 (p. 291-293), 22 de maio de 1926 (p. 293-296), 4 de junho de 1926 (p. 297-298), 25 de junho de 1926 (p. 301-305), 9 de julho de 1926 (p. 305-310), 25 de julho de 1926 (p. 310-311), 20 de agosto de 1926 (p. 312-315), 3 de setembro de 1926 (p. 315-321), 15 de outubro de 1926 (p. 322-328) e 29 de outubro de 1926 (p. 328-332).

Eduardo Carvalho Monteiro, em *Allan Kardec (o druida reencarnado)*, narra, do resultado de suas pesquisas, o seguinte:

Na obra *O Gênio Céltico e o Mundo invisível* do mestre Léon Denis, só há pouco tempo disponível ao público brasileiro, o autor reproduziu uma série de mensagens do Espírito de Allan Kardec que, em verdade, escreveu a parte final de *O Gênio Céltico*. Madame Baumard, esta que o acompanhou nos últimos anos de vida como sua secretária, assim descreveu o processo criativo do grande escritor: “Durante os anos de 1926-1927, Denis manteve constantes contatos com o invisível. O interesse de Allan Kardec para com a obra em elaboração era “intenso”: apresentava-se a cada quinze dias e se encarregou, por ditado mediúnico, da parte final do livro” (MONTEIRO, 1996, p. 74). (grifo nosso).

Confirma-se, portanto, o que acabamos de colocar.

O biógrafo André Moreil, em *Vida e Obra de Allan Kardec*, afirma:

Na segunda-feira da Páscoa de 1910, no centro “Esperança” de Lião, por intermédio da Srta. Bernadette em estado de sonambulismo, Allan Kardec manifestou-se para agradecer ao que fora até então o seu único biógrafo, o espírita Henri Sausse. (MOREIL, 1986, p. 174) (grifo nosso).

Garcia é outro que também nos informa sobre as manifestações de Kardec:

Os registros de comunicações dadas por Kardec já na condição de Espírito fora do corpo físico não ficam apenas no período imediatamente posterior à sua desencarnação. Avançamos no tempo e uma dessas mensagens merece destaque, apesar de ser bem conhecida dos estudiosos. Foi dirigida ao extraordinário filósofo Léon Denis no ano de 1925 (mais uma vez, anote o leitor a data), contendo um veemente apelo de Kardec para que comparecesse ao congresso espiritualista daquele ano, em virtude da importância do evento para o Espiritismo. [...] (GARGIA, 1999, p. 143). (grifo nosso).

O que nos causa espécie em relação ao Sr. Quevedo é o que afirma: “evidentemente não podia se tratar de comunicação de morto, de espírito do além”. Ora, se ele faz essa afirmação, como utiliza uma outra mensagem de Kardec para contrariar o que é dito nas outras? Há contradição maior?!

Não precisamos colocar em dúvida a mediunidade de Home e do Sr. Morin como sugere o prelado; porém, como estudioso das obras de Kardec, podemos afirmar que não somos tão tolos assim para acreditar nelas, pouco importando a sua origem, porquanto, elas contrastam com o caráter e o pensamento de Kardec quando vivo e com as mensagens autênticas por ele transmitidas após o seu desencarne. Assim, estamos, seguramente, diante de uma mistificação que somente os néscios caem por inocentes que são.

Meu Deus!!! Se o próprio Quevedo coloca sob suspeita essas comunicações, considerando-as como podendo ser originadas do inconsciente dos médiuns, então, por que motivo as apresenta como se fossem fala de Kardec? Haja incoerência!!!

Uma vez que cita o escritor Hermínio C. Miranda, vamos transcrever o que ele disse para que você, leitor, tome pé da situação e não se deixe enganar. Tecendo cometário sobre o livro de Home *Luzes e Sombras do Espiritualismo*, a certa altura diz:

[...] Julga-se com direito a fazer essas críticas ao dizer: “Sou conhecido por ser o que se convencionou de chamar um clarividente; tenho, assim, o direito de falar com o conhecimento de causa quanto a essa fase particular da Psicologia”. E volta a insistir na sua tese: Kardec não era médium, e sim um mero magnetizador. “Sob o império de sua vontade enérgica, seus médiuns não passavam de máquinas de escrever, que reproduziam servilmente seus próprios pensamentos”. E junta um testemunho pessoal, da seguinte maneira: “Atesto a veracidade do seguinte fato. Antes mesmo que eu tivesse conhecimento da morte de Allan Kardec, recebi dele, na presença do Conde de Dunraven, hoje Visconde Adare, uma mensagem nos seguintes termos: “Lamento haver ensinado a Doutrina Espírita. Allan Kardec”.

Como as nossas paixões são artificiosas e como descobrimos mil modos e meios para satisfazê-las... O próprio Home, em exemplos pelo seu livro a fora, recomenda que se acautele o médium com o exame cuidadoso do que dizem os Espíritos e tome suas precauções contra as falsas identidades e fantasias. Quando chega, porém, o momento de manifestar um ponto de vista que lhe é próprio, qualquer mensagem é considerada autêntica. Essa mensagem, no entanto, nem o Sr. Jean Vartier (1), um século depois, conseguiu aceitar como autêntica. Não era mesmo para desconfiar que logo em seguida à sua desencarnação, a primeira coisa que o Espírito Kardec se lembra de fazer é vir atestar junto a Home o seu arrependimento por ter pregado o Espiritismo?

Mas isso ainda não é tudo. Home reproduz uma mensagem que teria sido recebida por Morin que, segundo ele, Kardec considerava “um dos seus melhores médiuns”. Nessa mensagem, Kardec, também arrependido, teria feito sua “confissão póstuma”, repudiando os ensinamentos que difundira “em vida” e se acusando de “orgulho insensato” por ter desejado passar por um semideus salvador da Humanidade quando tudo não foi além de um egoísmo ridículo que

somente conseguiu impressionar as classes mais humildes da população!

A evidente falsidade da mensagem e sua total discordância com o verdadeiro espírito de Kardec, não impressionam ao médium Home, que não põe em dúvida sua autenticidade.

(1) Vide o artigo "Allan Kardec e o Mistério de uma Fidelidade Secular", publicado em "Reformador" de abril de 1973, pág. 101.

(MIRANDA, 1990, p. 256-257). (grifo nosso).

Assim, é perfeitamente cabível colocar sob suspeita as mensagens recebidas por Home e Morin, que, para nós, não são médiuns infalíveis, devendo-se criticar toda e qualquer mensagem recebida, recomendação que vale indistintamente para qualquer médium, se não quiser ser enganado pelos espíritos ou pelos próprios médiuns. Ademais, o fato de ter havido "testemunha" do recebimento da mensagem não faz dela uma verdade; até mesmo porque, no máximo, o que se poderia atestar, é que o médium estava escrevendo; portanto, nada poderá ser afirmado sobre a sua origem, se é desse ou daquele espírito.

As informações que apresentamos sobre as manifestações do Espírito Kardec provam que essas comunicações recebidas por Home e Morin são totalmente destituídas de verdade. Quem mentiu?? Ou foram os médiuns ou os supostos "Allan Kardecs" que se manifestaram por eles, como disse o Espírito Erasto: "Somente lobos caem em armadilhas para lobos".

Se esse tipo de procedimento fosse algo importante poderíamos, por nossa vez, levantar todos os católicos que se converteram ao Espiritismo ou, talvez, apresentar uma vasta lista de prelados que do além-túmulo reconheceram seu erro. Porém, esse tipo de argumento só serve a pessoas do tipo "maria vai com as outras". Entretanto, iremos colocar apenas uma, visando demonstrar que não espalhamos boatos, mas trazemos provas produzidas por católicos, em publicação que tem todo o respaldo eclesiástico; portanto, longe de qualquer suspeita de fraude. Trata-se da obra *O Espiritismo* do convertido católico escritor alemão J. Godfrey Raupert, da qual transcrevemos:

Era eu hospede de Sua Eminencia o Cardeal Vaughan, falecido Arcebispo de Westminster. Tinha aceitado o seu amavel convite, de fazer um retiro durante algumas semanas em sua residencia, para preparar-me quanto a minha conversão á Egreja Catholica. Dominava então na Inglaterra, em todas as rodas, um interesse extremamente accentuado pelo espiritismo, cujos phenomenos se tornaram conhecidos pelas publicações da sociedade psychica, e, em casa do Arcebispo, á meza, pertencia á ordem do dia a conversa sobre o espiritismo. Tinha eu que contar repetidamente as minhas proprias experiencias; e não tinham fim as questões, que se me propunham. Fallou-me varias vezes o Cardeal das suas preoccupações em vista desse interesse crescente, e pensava nos meios e caminhos pelos quaes se pudesse combater melhor esse movimento e esclarecer os curiosos. Observei, que um dos secretarios de Sua Eminencia, que tratava dos seus negocios particulares e gosava de toda sua confiança, estava por demais informado sobre o espiritismo e parecia conhecer perfeitamente que as doutrinas deste davam logar a questões muito graves.

Pouco depois de minha conversão, pediu-me o Cardeal que fizesse aos estudantes catholicos da Universidade e aos seminaristas, algumas palestras sobre o espiritismo, narrando os factos que me eram conhecidos e chamando a atenção sobre o erro da explicação popular e o perigo das experiencias. Convidou ainda os sacerdotes da Archidiocese para uma conferencia em palacio, presidida por elle mesmo, a qual, si me não engano, foi a ultima vez que elle appareceu em publico.

Mais ou menos, dous annos depois, achava-me em uma sessão nocturna em Londres, na qual uma dama edosa, deante de um grande Circulo de ouvintes, fazia comunicações espiritas, quando a mesma affirmou achar-se presente um sacerdote catholico.

Como sabia eu que um decreto da Egreja prohibe aos catholicos tomarem parte nessas experiencias, acreditei que a dama se referia a um sacerdote anglicano da High Church Party; e temendo a má impressão sobre os ouvintes, manifestei as minhas duvidas sobre a verdade dessa affirmação. A dama insistiu no affirmado e, com espanto meu, foi commigo até um dos lados e deu-me o nome do jovem Monsenhor. Era o secretario do Cardeal, com que estivera eu em relações diarias. O fallecimento do Cardeal libertara esse sacerdote do

secretariado, e era então cura d'almas em outra zona da cidade. Uma tarde, fiz-lhe uma visita e pedi-lhe que me communicasse as suas experiencias. Lamentou elle a loquacidade das mulheres, que lhe não permittia guardar segredo, e manifestou o seu grande prazer em que lhe fosse dada occasião de fallar sobre as suas experiencias com um experiente. E era fóra de duvida que taes experiencias tinham feito sobre elle profunda impressão. Contou-me, que não tinha podido resistir ao desejo de examinar elle mesmo os phenomenos e que, em casa de um conhecido e bem conceituado militar, encontrára uma occasião excepcionalmente feliz para satisfazer os seus desejos. O que lhe havia acontecido, era o seguinte:

O medium, que servia na primeira sessão, um homem de meia idade; submettera-se de boamente a todas as condições. O dono da casa, um general de merecimento, havia aggravado essas condições para plena tranquillidade dos circumstantes; estes, antes da sessão, não se conheciam. A sessão se realizava em aposento fechado e em uma semi-obscuridade. O medium estava apenas em parte encoberto por uma estreita cortina, e entrou facilmente em transe.

Com o maximo espanto do jovem sacerdote, surgiu detraz da cortina uma figura perfeitamente materializada, com a forma e os traços da physionomia do fallecido Cardeal, foi directamente a elle e segredou-lhe mais ou menos o seguinte: " - Tenho uma communicação importante a fazer-lhe. O que ensinei durante a minha vida terrena, não é verdadeiro. Reconheci isso, apenas entrei no mundo, em que agora vivo. Dizei a todos, que me fallastes, e communicai-lhes o que disse".

Depois destas palavras, desvaneceu-se o phantasma, appareceram outras formas materializadas que se entreteram com os presentes.

Como é facil comprehender, esse facto impressionou profundamente o jovem Monsenhor, fazendo com que o mesmo tomasse parte em outras sessões, para examinar melhor o caso e formar sobre o mesmo um juizo. Verificou, que tudo gyrava em torno da questão de identidade, da prova de identificação, reconhecendo, entretanto, as difficuldades para isso. Após longas hesitações, resolveu consultar um velho Prelado, muito ligado a elle, grande conhecedor da theologia, que fóra, por longos annos, o consultor do fallecido Cardeal, para narrar-lhe o occorrido e pedir-lhe conselho. Este não duvidou um momento de que fosse authentico o phenomeno, mas, evidentemente, era de opinião que se tratava de uma fraude, nada tendo o phantasma apparecido com o Cardeal morto. Verificou, porem, ser-lhe impossivel convencer disso o jovem ecclesiastico. E como se repetissem os phenomenos e pudessem repetir-se ainda, formulou uma serie de perguntas que deviam ser feitas ao phantasma e pelas quaes esperava obter a prova do engano.

Ignoro de que natureza eram taes perguntas; sei, porem, que foram respondidas mais ou menos satisfactoriamente.

Já tinham sido empregados objectos da casa do Arcebispo com o fim de desmascarar o pretenso Cardeal. Entre esses objectos figurava um solideo vermelho do Cardeal, que se conservava na casa do morto.

O Monsenhor collocou no bolso interior do paletot esse objecto, sem mesmo ter pensado no melhor uso a fazer do mesmo, para o fim em vista. Sobre isso guardou segredo. O phantasma, contou-me elle, appareceu como de costume, foi directamente a mim e disse-me: Ao que me parece, tens ahi, no bolso, um objecto que me pertence; desabotoou o paletot, retlrou da algibeira o solideo, mostrando-o. Logo desmaterialisou-se o phantasma e o solideo cahiu no tapete.

Para o joven sacerdote, tomou o caso um aspecto grave, e comprehende-se que deveria tornar-se indispensavel a elle continuar as observações.

Depois de deliberar sobre o caso, formulou elle uma pergunta relativa a um assumpto que só era conhecido de tres pessoas – o fallecido Cardeal, o Monsenhor em questão, e o Duque de Norfolk, então chefe dos catholicos leigos na Inglaterra. Como não houvesse sido levado a effeito o plano formulado por essas tres pessoas, ninguém tivera conhecimento disso. As perguntas baseavam-se sobre as difficuldades que, na opinião das tres pessoas citadas, desaconselhavam a realização do plano.

O phantasma, continuou o Monsenhor, respondeu as questões de um modo que não deixava duvida que tratassemos com o proprio Cardeal. E com isso se deu o naufragio total da sua convicção catholica. Abandonou a Igreja, retirando-se á vida privada, convencidamente espirita. Meus esportes no

sentido de fazê-lo recuar, graças á minha expericencia na matéria, falharam completamente. (RAUPERT, 1930, p. 80-83) (grifo nosso).

É bom tomar também de Cícero Valério o que ele fala a respeito do livro de Raupert em sua obra *Fenômenos parapsicológicos e Espíritas*, da qual transcrevemos essa narrativa:

O livro "O Espiritismo" editado em 1930 pela tipografia do "Lar Católico", de Juiz de Fora, foi traduzido do alemão pelo Dr. Lúcio dos Santos, engenheiro de Minas de Ouro Preto, grande católico, sendo mais tarde reitor da Universidade de Minas Gerais.

A publicação desse livro foi autorizada pelo censor Eclesiástico P. Alphonsus M. Wenger e por Antonius, Archiepiscopus Belo Horizontinus.

Recebeu o autor, além do mais, o endosso valioso de uma carta do Cardeal Gasparri, em nome do Papa Pio X, tendo portanto o livro, para sua divulgação, a autorização das mais altas autoridades da Igreja Católica. Foi editado e depois traduzido, como arma de combate ao Espiritismo. Deixando entrever, no entanto, grandes verdades a favor da doutrina espírita, talvez por este fato deixou de ser reeditado. (VALÉRIO, s/d, p. 153-154). (grifo nosso).

Esperamos, com isso, ter demonstrado que mais do que colocar algo é citar uma fonte insuspeita, na qual ele poderá ser encontrado.

E para terminar nossos argumentos contra a fala do Sr. Quevedo, trazemos aqui dois de seus pensamentos, para demonstrar que de cientista ele nada tem, embora queira se passar por um:

[...] Mas nunca jamais ninguém na Igreja pretendeu nem pretenderá negar nem mesmo discutir uma vírgula clara e certamente constante da **Revelação Bíblica** ou daquela transmitida unanimemente pelos SS. Padres e Escritores Eclesiásticos desde os Primeiros Cristãos. [...] (QUEVEDO, 1993, p. 193). (grifo nosso).

O conteúdo da **Revelação Bíblica** é sobrenatural, inobservável, e por isso incriticável. Como tal, a Revelação pode se incompreensível, mas se verifica que nunca é contraditória. [...] (QUEVEDO, 1993, p. 236). (grifo nosso).

Assim, percebe-se que Quevedo é apenas um "seu vigário", que acredita piamente na Revelação bíblica, como de origem divina, querendo travestir-se de cientista. A ele, sem dúvida, cabe como uma luva essa fala de Radot Vallery, que lemos alhures: "Com efeito no dia em que o sábio apoiar seus estudos em tal ou tal sistema religioso ou filosófico, ele abdica, por isso mesmo, do seu título de sábio. Ele advogará uma causa, não mais buscará a verdade pela verdade sem fito que não interrogar a Natureza".

Usando de seu próprio pensamento de que "O cientista na observação não pode ser estúpido na conclusão". (QUEVEDO, 1993, p. 337) e que se "O 'onus probandi' corresponderia aos espíritas. São os espíritas que deveriam provar inapelavelmente a comunicação dos mortos". (QUEVEDO, 1993, p. 247), então vale para ele trazer as suas provas para tudo isso que afirma:

[...] Não há nem pode haver espíritos humanos sem corpo. [...] Não pode existir alma humana sem seu corpo, que exige por natureza. A chamada ressurreição da carne é uma exigência que não pode ser frustrada. (QUEVEDO, 1993, p. 250).

[...] a alma não pode pensar nem conhecer sem o concurso cerebral, corporal. (QUEVEDO, 1993, p. 251).

[...] analogamente, à medida que o homem vai deixando o corpo material e ressuscitando num corpo espiritualizado, luminoso, as faculdades parapsicológicas podem manifestar-se mais e melhor até poderem manifestar-se plenamente todas as faculdades quando totalmente transformadas em homem luminoso.

Com corpo, limitante, e com corpo espiritualizado, libertador. Mas sempre homem inteiro. Corpo-alma, ação do conjunto. (QUEVEDO, 1993, p. 257)

Os espíritos *humanos desencarnados* (nem poderiam chamar-se *humanos*) não poderiam conhecer, sentir, amar, lembrar... Nada poderiam pensar. Nada poderiam fazer. Portanto, nem ativa nem passivamente poderiam comunicar conosco. Nem entre si. Total inatividade física e psíquica. Existência totalmente em vão. Impossível. Não existem espíritos desencarnados. (QUEVEDO, 1993, p. 259).

Encontram-se mais pessoas incapazes de elevar-se sobre as imagens sensoriais para submergir-se na certeza racional da fé, por exemplo da presença espiritual de Deus ou na presença real de Cristo na Eucaristia; [...] (QUEVEDO, 1993, p. 261).

[...] a maioria dos planetas não tem atmosfera. (QUEVEDO, 1993, p. 266)

[...] Quem sobrevive é o homem inteiro, mas sendo a sobrevivência em *corpo glorioso*, as ações dos que morrem são em plano completamente diferente das ações dos vivos. (QUEVEDO, 1993, p. 273).

[...] O corpo dos que morreram, sendo transformado, "espiritualizado", é útil, sem dúvida, para eles, para a comunicação entre eles. Mas com respeito a nós é como se não tivessem corpo. (QUEVEDO, 1993, p. 273).

Mas no conceito real, cristão, católico, de ressurreição do homem inteiro, alma espiritual com seu corpo espiritualizado, a comunicação dos mortos é só naturalmente impossível. [...] (QUEVEDO, 1993, p. 277).

Saintyves e os racionalistas confundem, aliás, revitalização (= voltar à vida neste mundo) com a Ressurreição de Cristo (= transformação do cadáver em corpo glorioso para a vida no outro mundo, na eternidade). [...] (QUEVEDO, 1993, p. 285).

Na verdadeira Filosofia, porém, entre alguns grandes pensadores antigos e entre muitos dos modernos, como também no mais característico conceito bíblico, o espírito humano é inseparável do corpo, o homem é essa alma e, ao menos, parte deste corpo. Esta alma determinada não existe sem algum estado deste corpo determinado. Tal alma com tal corpo é tal ser humano. Tal espírito deixar todo seu corpo é impossível. Acabaria tal pessoa, que por contar com espírito, é indestrutível e imortal e exige seu corpo. Por isso a reencarnação – a mesma alma com outro corpo – é impossível. E a ressurreição é uma exigência essencial, que não pode ser frustrada.

Há ressurreição em outro estado. A mesma alma e o mesmo corpo "espiritualizado" (glorioso). À medida em que o homem vai morrendo, durante a morte aparente, vai ressuscitando em outro estado: o espírito vai deixando de animar um corpo corruptível ao mesmo tempo que vai formando um corpo incorruptível. O homem vai transformado para outro estado. [...] (QUEVEDO, 1993, p. 304-305).

Esperamos que ele não fique totalmente embaraçado com nossa proposta.

Por outro lado, consultando a mencionada obra de Daniel Dunglas Home (1833-1886), em sua versão inglesa intitulada *Lights and Shadows of Spiritualism*⁶, ainda deparamos com a seguinte fala dele sobre a "mensagem" de Kardec: "Eu não poderia, ao recebê-la, dar crédito a mensagem"⁷. (HOME, 1878, p. 224) (grifo nosso). Ora, isso muda completamente o sentido do que querem atribuir ao espírito Kardec, pois nem o próprio Home, que diz ter recebido uma mensagem dele, acreditou nela, mas os "espertos" de hoje aceitam que ele tenha acreditado. Além disso, podemos ainda argumentar que tal mensagem de "Kardec" está inserida em capítulo que trata das desilusões; portanto, não de coisas verdadeiras, mas de falsidades (desilusões) que, muitas vezes, andam por detrás das comunicações de espíritos ou de falsos médiuns, sobre cujo conteúdo não se fez uma análise crítica, aceitando-se cegamente, ora por falta de conhecimento do plano espiritual, ora por crença exagerada nos espíritos.

Sobre a mensagem recebida pelo Sr. M. Morin, eis o que disse Home:

6 Obra disponível em <http://ia311006.us.archive.org/2/items/lightshadowsofs00homerich/lightshadowsofs00homerich.pdf> acesso em 26.06.2010, às 13:25hs.

7 Traduzida por Lúcia da Silveira Sardinha Pinto Souza.

O acréscimo mais notável dessa comunicação foi ditado através de M. Morin, que Allan Kardec em sua vida terrena considerava como um de seus melhores médiuns, e confiava grandemente. Para dizer o mínimo, é razoável, e ostenta a marca da verdade. (HOME, 1878, p. 224). (grifo nosso).

Engraçado que para ser um dos melhores médiuns de Kardec ele, Morin, até que não foi tão usado assim, pois, em 1868, último ano de atividade do Codificador, ele só recebeu quatro mensagens, uma em cada um dos seguintes meses: fevereiro, março, maio e novembro.

Por outro lado, Kardec também não considerava nenhum dos médiuns, que utilizava para o contato com os espíritos, como infalível; todos eles eram passíveis de erros, fora a questão de poderem estar sobre graves obsessões de espíritos inferiores.

Vejamos a suposta mensagem de Kardec recebida pelo Sr. Morin:

"All. Kardec.

"M. Morin, médium por inspiração.

"Comunicação dada na casa de M. Caussin, Rue St. Denis, 345, 06 de novembro de 1869.

"Allan Kardec falando através M. Morin.

Sua confissão póstuma.

Durante os últimos anos de minha vida, eu busquei cautelosamente manter em segundo plano todos os homens de inteligência que mereciam estima pública, os quais eram investigadores da ciência do Espiritismo e poderiam ter tomado por si uma parte dos créditos que eu desejei apenas para mim.

Não obstante, muitos destes, ocupando posições altas na literatura e na ciência, teriam ficado perfeitamente satisfeitos, ao dedicarem-se ao Espiritismo e terem brilhado no segundo grau; mas, em meu medo de ser eclipsado, preferi permanecer sozinho na liderança do movimento, ser ao mesmo tempo o cérebro pensador e o braço de ação.

Sim, eu reconheço a minha culpa se o Espiritismo nos dias atuais não soma em seus postos nenhum daqueles campeões - príncipes da língua ou do pensamento; comigo, o homem (ou minha humanidade) superou minha inteligência.

Enquanto eu sustentei o Espiritismo, conforme eu o concebia, pareceu-me como tudo o que a humanidade poderia imaginar de mais importante e mais vasto; minha razão estava confusa.

Agora que, livre do invólucro material, eu assisto a imensidão dos mundos diferentes, pergunto-me como pude ter me vestido no manto, como isso era, de um semideus; acreditando-me ser um segundo salvador da humanidade. Orgulho monstruoso que eu amargamente lamento.

Eu agora vejo o Espiritismo, como eu o imaginava, tão pequeno, tão contraído, até sobre as perfeições que deveriam se atingir. Levando em consideração os resultados produzidos pela propagação das ideias espíritas, o que eu agora vejo?

O Espiritismo arrastou-se para a profundidade mais baixa do ridículo, ficou representado apenas por personalidades fracas, as quais me esforcei demais para elevar.

Eu, buscando fazer o bem, incitei muita produção aberrativa apenas do mal. Mesmo agora conforme a filosofia está relacionada a tão pequenos resultados! Para poucas inteligências isso foi alcançado, quantos estão desavisados de sua existência!

De um ponto de vista religioso, nós encontramos o supersticioso partindo de uma superstição apenas para cair em outra. Consequências de meu egoísmo.

Não tivesse eu não mantido todas as inteligências superiores na sombra, o Espiritismo não seria representado, como a maioria de seus seguidores, por adeptos tirados do meio das classes operárias, as únicas onde minha eloquência e meu saber poderiam ter acesso.

Allan Kardec"

(HOME, 1878, p. 224-225) (grifo nosso).

Basta comparar essa mensagem com aquela recebida na Sociedade espírita de Paris em abril de 1869, que transcrevemos um pouco atrás, para ver qual delas é a verdadeira. Apenas uma questão: por qual motivo o Sr. Morin não recebeu essa mensagem de Kardec, supondo-se que seja verdadeira, perante os membros da Sociedade Espírita de Paris, como fazia quando Kardec ainda era vivo?

Sobre a possibilidade dos médiuns serem enganados, Kardec várias vezes passou orientações, como, por exemplo, estas:

[...] Os Espíritos zombadores se atribuem também, algumas vezes, a qualidade de Puros Espíritos para inspirarem mais confiança às pessoas que querem enganar, e que não têm bastante perspicácia para julgá-los pela sua linguagem, na qual se traem sempre sua inferioridade. [...] (KARDEC, 2001b, p. 257).

[...] Quantas vezes será preciso repetir que é necessário, quase absolutamente, desconfiar das comunicações espontâneas dadas a propósito de um fato, afirmando de propósito deliberado! Os Espíritos não enganam senão aqueles que se deixam enganar. (KARDEC, 1993, p. 80).

[...] mas sabe-se também que os Espíritos enganadores não fazem escrupulo de se abrigarem sob nomes emprestados, para fazer aceitar as suas utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensinamento exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter, têm um caráter individual sem autenticidade; que elas devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou tal Espírito, e que haveria imprudência em aceitá-las e promulgá-las levemente como verdades absolutas. (KARDEC, 1993e, p. 101).

As pessoas que não estudam Kardec, certamente, deixam portas abertas à mistificação dos espíritos enganadores.

Conclusão

Estão aí os fatos para que cada um, que se interessar, possa tomar conhecimento do que realmente aconteceu a Kardec, quanto aos fatos verdadeiramente acontecidos com ele. Por isso não há necessidade de estendermos a nossa conclusão, já que os aspectos importantes nós os ressaltamos no decorrer do nosso texto.

Deixaremos, para reflexão, alguns pensamentos que achamos oportunos.

Só a vaidade, o orgulho, o exagerado amor às tradições de ordem religiosa ou social têm tido a força de impedir que certos homens neguem aquilo que deveriam defender. (MELO, O., 2009, p. 18-19).

Um químico, um físico, um engenheiro trazem a público um descobrimento importantíssimo. E todos, sem estudo, sem exame, sem mesmo perceberem como as coisas se dão, aceitam a boa nova e a endossam, embora confessando toda a sua ignorância. (MELO, O., 2009, p. 22-23).

Renovam-se, como se sabe e se prova cientificamente, as moléculas de nosso corpo milhares de vezes, havendo, até, a afirmação de que, de sete em sete anos, todas as células de nosso organismo se renovam. A memória, pois, não pertence à matéria, não é propriedade da matéria, porque persiste. (MELO, O., 2009, p. 30).

Ninguém há que, preso e aferrado ao dogma, possa, com descortino, sair fora do círculo estreito e restrito em que se encerrou. (MELO, O., 2009, p. 54).

Difícil tarefa, por certo, é desarraigar de nossa mente os erros que se misturam em nossas veias com o leite materno. (MELO, O., 2009, p. 54).

“Teorias, aceitam-se ou recusam-se. Os fatos reais querem-se aceitos, não em benefício deles, nem de qualquer seita, mas dos seus comentadores... A negação torna-se ridícula, quando excede certos limites permitidos pelo bom senso universal. (VALLE, 1959, p 362).

Fechamos com o “Águia de Haia”:

“O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas ideias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação por que passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições diferidas” (RUI BARBOSA).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Agosto/2010

Referências bibliográficas:

- AMORIM, D. *Análises Espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- BOZZANNO, E. *Animismo ou Espiritismo?*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. *No invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. *O gênio céltico e o mundo invisível*. Rio de Janeiro: Celd, 2001.
- DOYLE, A. C. *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1990.
- GARCIA, W. *Chico você é Kardec?* Capivari, SP: EME, 1999.
- HOME, D. D. *Lights and Shadows of Spiritualism*. London: Virtue, 1878.
- KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Araras-SP: IDE, 1993b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras-SP : IDE, 1993c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993d.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993e.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras-SP : IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras-SP : IDE, 1993a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras-SP : IDE, 1999.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras-SP : IDE, 2001a.
- LÉPICIER, A. H. M. (Cardeal). *O Mundo invisível; uma exposição da Teologia Católica perante o moderno espiritismo*. Porto, Portugal: Tavares Martins, 1960.
- MAGALHÃES, S. N. *Charles Richet, o apóstolo da ciência e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- MARTINS, J. D. e BARROS, S. M. *Allan Kardec – Análise de Documentos Biográficos*. Niterói-RJ: Lachâte, 1999.
- MELO, Osvaldo. *Sobrevivência e comunicação dos espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2009.
- MIRANDA, H. C. *Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- MONTEIRO, E. C. *Allan Kardec (o druida reencarnado)*. São Paulo: Eldorado/Eme, 1996.
- MOREIL, A. *Vida e Obra de Allan Kardec*. São Paulo: Edicel, 1986.
- PAULA, J. T. *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo. Vol. II*. São Paulo; Banco Cultural Brasileiro, 1970.
- Quevedo, O. G. *Os mortos interferem no mundo?. Vol. 5 - Palavra de Iahweh e o Espiritismo*. São Paulo: Loyola, 1993.
- Revista Grandes Líderes da História: Allan Kardec*, São Paulo: Arte Antiga, 2004.
- RAUPERT, J. G. *O Espiritismo*. Juiz de Fora, MG: Lar Catholico, 1930.
- RHINE, J. B. *Novas fronteiras da mente*. São Paulo: Ibrasa, 1973.
- RHINE, J. B. *O alcance do espírito*. São Paulo: Bestseller, 1965.
- RHINE, L. E. *Canais ocultos do espírito*. São Paulo: Bestseller, 1996.
- RICHET, C. *A grande esperança*. São Paulo: Lake, 1999.
- RICHET, C. *Tratado de Metapsíquica, vol. II*. São Paulo: Lake, s/d.

RICHET, C. *Traité de Métapsychique*. Paris, França: Felix Alcan, 1922.

SAUSSE, H. Biografia de Allan Kardec. In *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

SOUZA, S. *A goleada de Darwin*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VALÉRIO, C. *Fenômenos parapsicológicos e espíritas*. São Paulo: Piratininga, s/d.

VALLE, S. *Silva Mello e os seus mistérios*. São Paulo: Lake, 1959.

WERNECK, F. *Materializações de espíritos*. Rio de Janeiro: ECO, 1976.

<http://ia311006.us.archive.org/2/items/lightshadowsofs00homerich/lightshadowsofs00homerich.pdf> acesso em 26.06.2010, às 13:25hs.